

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Editores: FRANCISCO ALVES & C.

Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro.

Rua Libero Badaró, 129 — S. Paulo.

Rua da Bahia, 1055 — Bello Horizonte.

ASSIGNATURAS :

Para o Brasil. um anno 7\$000

União Postal. " " 10\$000

REDACÇÃO : — RUA DA QUITANDA, 72

SUMMARIO

O dever da Escola.
A inspecção escolar. Sylvio
O Theatro nas escolas — A arte da recitação. L. A.
O ensino primario municipal Rabujando. Mario A. Freire
Compleativos do verbo. Mestre escola
Hemeterio dos Santos

O desenho no quadro negro. . . M. A. P.
Leitura primaria. Corina Barreiros
Os dons de Froebel. M. M. Pereira da Fonseca

LIÇÕES E EXERCICIOS

Theatro infantil

O DEVER DA ESCOLA

Quando estas paginas forem dadas a lume, já será do dominio publico a situação nova do Brazil, em face de graças attentadas de que foi victima o nosso pavilhão e cavilosas intrigas que as necessidades do momento obrigam a calar.

A escola primaria foi sempre o instrumento de maior eficiencia para a nacionalização dos povos, para o estabelecimento da homogeneidade de sentimentos e para a tempera do caracter do povo. Della se valem todos os governos para o triumpho integral das idéas.

Ahi se restauram as energias dos povos, e como no mytho de Anteu, quantas vezes a ella vêm ter as classes sociaes, tantas recobra animo, cria vigor e endurece a convecção da grandeza de sua raça e de sua patria.

Nós estavamos, apesar da ruptura de relações, em uma situação de expectativa imparcial, com resentimentos que se poderiam apagar. Agora, porém, não compete mais a nenhum brasileiro digno de seu sangue e de seus antepassados essa attitud. Os poderes competentes, symbolizados na unanimidade do Congresso Nacional, onde o verbo refulgente de Ruy Barbosa consagrou a nobreza, a justiça e a grandeza da causa a cujo lado nos enfileiramos, manifestaram-se definitivamente: somos, como a Inglaterra, a França, a Italia, como Portugal e aquelles heroicos paizes menores da Europa, a martyrizada Belgica e o admiravel Montenegro, como a nossa grande Republica irmã — os Estados Unidos, somos tambem beligerantes contra o Imperio Allemão.

O dever que nesta hora amarga incumbe a todos os Brasileiros, muito mais delle devem cogitar os nossos professores, que têm a seu cargo a formação não só mental, mas principalmente moral, dos cidadãos.

Não temos mais o direito de nos desinteressar por isso que é alguma coisa mais do que a solidariedade americana, ou da Humanidade, contra os processos de que tem lançado mão o governo allemão, de alguma coisa maior do que o interesse economico, do que a commodidade e o conforto — a defesa da Patria.

O nosso povo é por demais imbuido de optimismo e muito lhe custa o convencer-se dos perigos ainda não sentidos de perto.

Transmittam-lhe os mestres por intermedio da escola as apprehensões graves de que estão peçados os horizontes da nossa Patria. Atraves das declarações semi-veladas do governo, podem elles perceber que pesam sobre a nossa integridade, sobre a nossa liberdade, sobre a honra das nossas familias e a unidade da nossa raça, ameaças muito sérias.

Nós temos de lutar contra esse optimismo descuidoso. A's nossas populações repugna o typo de Cassandra, prégocira de males. Falemos-lhes de perigos internacionaes, de machinações torvas de inimigos que esperam um momento para se lançar sobre nós; não nos contestarão com factos nem com idéas. Rir-se-ão. Terrivel inimigo interno essa ironia perenne, que tudo apouca e em nenhum mal acredita. A todas as horas ella se expande. Aqui, denuncia alguém a estafada boutade: Deus Nosso Senhor é brasileiro; ali, quando falamos na necessidade da organização militar, ouvimos a phrase triste e desanimadora: Preparemo-nos... e marchem! Acolá, um Qual! convencido, uma exclamação cheia de empáfia, que é como o oleo que se derrama sobre as ondas borrascosas.

Temos de lutar sem treguas contra o desanimo e a ironia, não contra o medo. Lá nos nossos invios sertões, onde não chegou a ferrugem do septicismo, não será preciso uma campanha. Quando disserem ao sertanejo ignorante e maltrapilho, doente e mal nutrido, arredio do serviço militar no tempo de paz, não que vamos salvar a humanidade, mas que a patria vae ser invadida, que os lares serão violados e corrompidos, as crenças, as tradições e as liberdades espesinhadas pela pata do inimigo, elle virá sem chamado, trazendo nas balas do seu rifle a resposta aos insultos, ás ameaças e ás tropelias.

Mas nas cidades onde as philosophias dissolventes longo tempo amollecerao o character, onde o cosmopolitismo espalhou raizes dissimuladas, como as destas grandes arvores que levantam lages pesadissimas nas calçadas das nossas ruas, aqui é que é preciso ensinar o dever.

Digamos sem reboço ao nosso povo, que as altas autoridades do paiz não estão fazendo rhetorica balofa: que a unidade nacional atravessa nesta hora amarga perigos bem serios, e que vão ser exigidos do Brazil penosos sacrificios para a defesa do patrimonio de honra que recebemos de nossos antepassados. Nenhum tributo pôde ser recusado. E' necessario que o governo possa contar com o apoio firme e leal da população. Sem esta, nada se faz, principalmente nas democracias.

Preparemos, assim, o espirito dos brasileiros, para que defendam a honra do pavilhão a cuja sombra dormem os nossos heróes. Não morreu com esses a honra dos filhos do pavilhão do Cruzeiro. O sangue que desde os primordios do seculo XVII não trepida em se derramar pela liberdade, não pôde ter esmorecido nas arterias do Brazil. Que ás nossas exhortações pulse, mais vigorosamente do que jamais, o coração do povo cuja historia não desmerece, em feitos heroicos, quando se confronta com a de qualquer outro.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a FRANCISCO ALVES & C. — Rua do Ouvidor, 166 RIO DE JANEIRO

Sommilata B. Barbans

I — IDEAS E FACTOS

A INSPECÇÃO ESCOLAR

Meu caro Magioli.

Escrevo-te ainda sob a deliciosa impressão da leitura do 12º numero da revista «A Escola Primaria», publicação de iniciativa dos Inspectores escolares e que, segundo o meu fraco entender, deve, pelo cunho pratico dado á sua orientação, prestar relevantes serviços ao professorado dahi.

É uma grande victoria da Inspeção escolar essa, de conseguir, num meio em que a indiferença pelo que nos diz respeito é absoluta, em que a preocupação do menos-cabo ás iniciativas dos corajosos impera desoladoramente, idealizar uma boa obra e levá-la por diante com exito. E «A Escola Primaria», parece-me, realizará o milagre de se manter e continuar impavida a rota encetada.

Que galernos ventos a conduzam, meu bom amigo, para bem da nossa terra, que tanto necessita de empezas desta ordem, são os meus melhores votos.

Não é sem grande interesse que acompanho o movimento dos Inspectores escolares, procurando sahir da desoladora indiferença em que têm vivido mergulhados para assumirem a posição saliente que lhes é devida como elemento primordial no desenvolvimento do ensino primario.

Nunca, e bem sabes quanto sou sincero, nunca pude comprehender o porque de uma tal situação.

A Inspeção escolar não é um serviço que se deva restringir á mera função fiscalizadora. Ella, pelas attribuições que lhe são impostas em lei, pela sua acção directa junto aos professores, orientando-os, corrigindo-lhes os defeitos, pelo conhecimento profundo que lhe deve dar o contacto com as crianças, apreciando-lhes o desenvolvimento e scientificando-se das suas necessidades, não pôde, como tem succedido até hoje, continuar a permanecer na triste penumbra a que, no meu fraco entender, se tem votado exponenteamente.

Movimenta-se o grande corpo constituído pela engrenagem denominada Instrucção Publica e nenhuma participação toma neste movimento a Inspeção escolar! As reformas se fazem, todas nellas collaboram, competentes e ignorantes, os Inspectores escolares, porém, aquelles justamente que deveriam, pela sua pratica, pelo conhecimento exacto das falhas encontradas no mecanismo do ensino, estar aptos para bem orientar uma reforma da instrucção, estes são lançados á margem, não se lhes ouvindo as opiniões, os conselhos, que tão uteis seriam.

E ellas se realizam, ora concepções utopistas essencialmente theoreticas, e que na pratica dão os mais negativos resultados:

ora, pretexto vergonhoso para o mais desenfreado desenvolvimento do filhotismo, da protecção!

Lançados á margem, os Inspectores, releva-me dizel-o, conservam-se indifferentes, limitando-se a protestos anodynos e feitos na intimidade, sem o menor valor pratico, sem a menor vantagem para o ensino nem para a classe.

E no entretanto, o trabalho que realizam é formidavel.

As visitas escolares, as folhas dos professores, os boletins de matricula e frequencia, os mapps estatísticos, a procura de predios para escolas, o despacho de papeis relativos ao material escolar, a constante preocupação da falta de adjuntos, os exames de promoção de classe, os exames finais, finalmente um mundo de attribuições e que silenciosamente executam na despreocupação absoluta de se dizerem os autores de semelhante trabalho! As grandes estatísticas escolares se fazem calcadas nos informes desses funcionarios e os seus nomes desaparecem, gozando outros da victoria conseguida!

Falta aos Inspectores, meu bom amigo, o reclamo, a grita *urbi et orbe*, dos serviços prestados; grita necessaria para a prova da sua existencia, grita necessaria para que seja reconhecida a efficacia dos esforços que empregam.

Segundo me informaste, e mesmo por noticias que tenho lido nos jornaes, sei que a classe dos Inspectores se movimenta, reuniões se têm realizado e do resultado a imprensa vai dando publicidade.

Cumpra intensificar este movimento, mostrem-se necessarios em demonstrações positivas de vitalidade.

Agir energicamente dentro da orbita das suas attribuições, dando aos seus actos o maximo de publicidade, analysar tudo quanto se fizer no que diz respeito ao ensino publico, emittindo pareceres, discutindo e dando provas de que estão na altura de o fazer criteriosamente, e estou certo que por esta forma ficar-se-á sabendo que a classe dos Inspectores escolares existe, age, e consequentemente é uma necessidade imprescindivel a sua audição sempre que se agitam questões concernentes ao ensino.

Uma coisa, porém, se torna necessaria e é que cada Inspector escolar se compenetre da veracidade de tudo quanto venho te dizendo, que conheçam o alto valor da classe que representam e convirjam todos os esforços no sentido de uma acção em bloco para a conquista dos direitos que lhe assistem.

O desanimo que muitas vezes invade os que se não julgam tratados na altura do verdadeiro merecimento deve ser repellido, substituindo-se por uma acção persistente para

provar este merecimento por todos os modos até a consecução do resultado que se deve ter em vista.

Por esta forma deverão proceder os Inspectores escolares e estou certo vencerão.

Já vai longa esta carta, mas o assumpto é para mim tão interessante que provavelmente não me furtarei ao desejo de proseguir-o brevemente.

Abraça-te o

SYLVIO.

O THEATRO NAS ESCOLAS

A ARTE DA RECITAÇÃO

O segundo ponto interessante nas recitações de classe, e ponto vulneravel em não poucas das que se effectuam em escolas municipaes, é o do modo de recitar, do emprego exacto da inflexão e do gesto, da arte de dizer, — para nos valeremos, em summa, do termo consagrado.

Isto não ultrapassa os deveres nem a capacidade da professora; recitação é um simples passo adiante da leitura expressiva e a sua pratica correcta está enquadrada, nas escolas, na dupla função de instruir e de educar. E não se comprehenderia que o programma de ensino instituisse como processo pedagogico as recitações e representações de alumnos, sem que importasse a forma por que estes a praticam; seria o mesmo que instituir apenas uma oportunidade de viciar intellectualmente a creança, estragando-lhe com a recitação má o que lhe ensinaram de clareza, comedimento e expressão na leitura.

Já affirmei aqui que não se faz mister, para chegar a um resultado satisfatorio, senão de attenção e de gosto, e isto o repito ainda: de attenção para corrigir as falhas e erros do que aprende, por menos importantes que pareçam; de gosto, de um pouco de senso artistico, para não permittir, e muito menos infundir no alumno, os exaggeros do gesticular e do dizer, de que não são passíveis sómente as creanças, porem muita gente grande, e fazer-lhes comprehender que a recitação se vicia e degrada quando a desamparam a verdade da inflexão e a justeza do gesto, o opportuno e exacto relevo da phrase, a natural harmonia do movimento e da palavra.

Será isto muito difficil de conseguir, mesmo sem a frequencia dos cursos da Escola Dramatica Municipal? Não me parece assim. A mulher — e o elemento feminino forma a quasi totalidade do magisterio municipal — tem uma intuição tão accentuada da graça e da harmonia, faz espontaneamente cousas tão bellas e admiraveis com elementos insignificantes, encarece e realça com um toque da sua personalidade tantas

cousas de somenos valor, que é facil tarefa para ella fazer dar o justo relevo a simples trechos de verso ou de prosa onde existam já emoção e belleza de forma. E' um caso de observação e de sentimento, nada mais. A questão é que a moça na arte da sua faecirice ou do arranjo do seu lar e a mestra na orientação esthetica do seu discipulo não saiam nunca do natural; a infracção desta lei é o delicto, quasi sempre inconsciente, punido com as aberrações de gosto, de arte e de senso de que a actualidade é tão prodiga em varias manifestações. E' preciso não confundir arte com artificio e resistir, dentro da naturalidade intelligente, ás demandas e arrebiques com que aquelle aggride e deforma o sentimento e a belleza das cousas, na recitação como em tudo mais. Os cursos technicos, as escolas de declamação dignas desse nome nada mais fazem do que systematizar e guiar a pratica desse principio. Na Escola Dramatica Municipal, o que faz esse magnifico mestre da expressão que é Coelho Netto não é senão isto, e isto é tudo.

Deve-se confessar, porem, que esta noção, tão simples em si, fallece, não raro, nas recitações das nossas classes primarias, como fallece, tantas vezes, na mulher esse senso da verdadeira belleza de que foi fartamente dotada. De professora sei eu (e como esta ha, sem duvida, outras) que doutrina, e creio que ainda doutrina, aos discipulos que «quando se recita não se fica parado no logar»; e graças a esta regra curiosa, que arte ou razão alguma prescreve e que não se observa em nenhum salão ou theatro, a não ser em casos especiaes de genero e de meio, faz das creanças da sua classe automaticamente para a frente e para traz, para a direita e para a esquerda, emquanto desfiam fatigadamente o verso incolor, ao rhythmio das passadas e ao acenar constante dos braços, que o recitadorzinho, «para dar expressão», ora leva á cabeça, ora ao peito, ora ao flanco, sem entender o que faz e sem accentuar o que diz.

E' justamente esse exaggero que é mister combater, não só no que aprende como no que ensina, levado a tanto por questão de temperamento ou preocupação erronea de «artes», que lhe não permittem apprehender o valor da sobriedade e da harmonia como elementos de expressão.

Os limites destes commentarios e as contingencias de espaço na *Escola Primaria* não dão azo a desenvolver aqui, neste momento, uma serie de preceitos opportunos. No que toca, entretanto, á expressão verbal, encontra-se já, no n. 4 desta mesma revista, excellente subsidio no artigo do professor Jonathas Serrano — *A leitura em voz alta*. Para o desenvolvimento desse estudo, e mais particularmente do do gesto, ha uma serie de livros interessantes, a começar nos francezes Ernest Legouvé (*L'art de la lecture*), hoje classico, Jean Blaise (*L'art de*

dire, *Récits à dire et comment les dire, Pour bien dire et bien récéler*, Dupont-Vernont (*Diseurs et comédiens*), Coquelin (*L'art du comédien*), e outros, passando pelo nosso João Caetano (*Lições dramaticas*) e terminando no portuguez J. Moniz (*Arte de dizer*), ampla e cuidada compendiação de quanto se tem escويمado na doutrina e na pratica da dicção artistica, no palco e fora delle; mas isso já constitue uma especialisação, a que sómente uma parte muito pequena do magisterio se dedicaria por amor das festas de classe. Os ensinamentos de todos elles se enfileiram nessa harmoniosa sobriedade e intelligente precisão de inflexões e de gestos, cuja recommendação é o objecto destas linhas.

«A perfeição da arte de dizer — escreve Muniz — consiste em fazer valer cada ideia pela maior ou menor somma de energia, de nobreza e de sensibilidade que se lhe junta sem trahir a verdade». E dá este ensinamento, em que está a chave da boa recitação: «Antes da intentar *dizer*, teremos de obter a comprehensão exacta daquillo que vamos recitar, vendo-o claramente e gravando-o bem em nosso espirito. Sem um conhecimento bem completo de tudo quanto se contem na obra escripta, sem que no nosso intimo vejamos, sem a menor sombra de duvida, aquillo que desejamos fazer comprehender aos outros, impossivel será produzir uma dicção correcta e acertada. Torna-se, pois, indispensavel que o nosso estudo comece por uma analyse minuciosa de todas as ideias que encerram o verdadeiro sentido que o autor teve em mente e buscou enunciar. Dando a vida ao discurso escripto, a dicção faz apparecer, não só as ideias contidas na palavra, como tambem as que o autor deixou occultas e que justificadamente supponmos elle teria no pensamento. Uma e outras formam o colorido da dicção.» Apprehender e assimilar bem, sentir bem, exteriorisar esse pensamento e essa emoção — eis tudo.

E' esse o trabalho que as mestras têm de realizar em relação a si proprias e depois em relação ao discipulo.

Muniz nos fornece ainda estes claros preceitos:

«Os meios de fazer sentir o colorido são as inflexões e os gestos, que reunidos constituem a expressão.

= Verdade, nitidez, naturalidade, são tres requisitos indispensaveis á inflexão. Achamos a inflexão conveniente procurando descobrir as ideias que ella deve juntar á significação das palavras que devemos dizer. — Como obteremos a certeza de que a inflexão é realmente verdadeira? Pela observação da natureza; pela *arte de ouvir*, applicada com criterio artistico.»

= A *naturalidade* constitue a verdade e consequentemente a belleza do gesto. Mas o gesto tem grãos e caracteres diversissimos, tão diversos como a *inflexão*: é por isso mesmo impossivel estabelecer theorias particula-

res para adquirir o *gesto natural* e muito menos pensar na copia de modelos. Como será possivel determinar o gesto exacto para cada sentimento actuando numa individualidade qualquer? O gesto vale sobretudo pela espontaneidade; é necessario que pareça livre e desembaraçado. = Tudo se liga e equilibra na linguagem, como na natureza. Um gesto falso pode estragar um pensamento sublime, como um bello gesto pode elevar um pensamento insignificante.»

= A *physionomia* não é só um complemento indispensavel á palavra: pode tambem ajudar-nos a encontrar a inflexão justa. Se annunciarmos previamente pela linguagem da *physionomia* o sentimento ou a ideia que vamos traduzir pela palavra, seremos compellidos a inflexionar a dicção de maneira correcta. = Teremos na expressão *physionomica* o mesmo cuidado em não exaggerar, como recommendamos na inflexão. Não devemos esquecer as leis da optica e da perspectiva; em uma pequena sala os nossos traços não precisam ser tão accentuados e fundos como em um grande theatro.»

= O *accionado* é um auxiliar inseparavel da *physionomia* e completa com esta o que chamamos gesto em movimento: é um dos mais poderosos auxiliares do artista, o que não quer dizer que deva ser em demasia repetido ou muito accentuado. Antes de tudo, recommendamos a sobriedade. *Não admitamos gestos inuteis*, isto é, gestos que não digam alguma cousa.»

Ernest Legouvé (*L'art de la lecture*) recommenda a quem lê ou recita que não faça gestos. E' necessario, entretanto, que a attitudede esteja em afinação com a ideia expressa, que os braços não fiquem rigidos, que a *physionomia* acompanhe a expressão dos sentimentos.

Dupont-Vernont (*Diseurs et comédiens*) expõe esta opinião sobre o gesto: «Partindo da ideia de que quem se move muito é porque não sabe o que fazer do corpo, sou, mais do que nunca, pela extrema raridade do gesto. Não digo que não se façam gestos em absoluto, o que seria um absurdo; digo que se façam o menos possivel e, *sobre tudo, nunca se premeditem*.» E mais: «E' necessario que o gesto nunca intervenha senão quando é necessario ou, pelo menos, util:— sobretudo que não contrarie a palavra por desaccordo; que não a prejudique attrahindo a attenção dos olhos com desvantagem do ouvido; que seja uma reserva preciosa para no momento opportuno supprir a palavra e sustentar a ideia.»

São estes os conselhos dos mestres, não meus.

E' claro que elles são dados a quem faz de si proprio o gesto e a inflexão. Na recitação escolar, o papel da professora será, guiando-se por elles, formar a inflexão e o gesto do alumno, ou melhor — corrigil-os no que este não faça por si de expressivo e natural.

L. A.

O ENSINO PRIMARIO MUNICIPAL

Não tem havido seguro criterio no determinar os limites legais da idade necessaria á admissão de alumnos nos cursos officiaes de ensino primario neste Districto: as muitas reformas feitas têm seguidamente alterado a idade exigida para a matricula. Ora se vê elevado o minimo admissivel, como o fazem as leis que se referem ao ensino inicial nos jardins de infancia — a de 9 de Maio de 1893 por exemplo, e as posteriores ao funcionamento regular dos dois jardins existentes; ora se tem procurado reduzir o maximo, principalmente depois que os actuaes cursos nocturnos, installados com successo em Maio de 1907, comegaram a ser mais frequentados, estendida a matricula nelles ao sexo feminino a partir de 1911.

O minimo de 7 annos, admittido pelo dec. do Governo Provisorio de 8 de Novembro de 1890 e pela citada lei de 1893, respeitado tambem na reforma de 1897 e reduzido para 6 annos em 1911, limite aceito depois pela lei de 1914, foi agora de novo restabelecido pela vigente lei 1.730, de 5 de Janeiro de 1916.

O mesmo succedeu ao maximo. Nas duas primeiras leis, variando ainda o criterio com a divisão das escolas em dois grãos, a primeira admittia o maximo de 13 annos nas do 1.º grão e de 15 nas do segundo; a de 1893 admittia naquellas, alumnos até 14 annos e distribuia o curso do 2.º grão por mais tres annos. A reforma de 1897, não cogitando mais desse curso supplementar deslucado, limitou a matricula nas escolas primarias a 14 annos, termo elevado depois a 15, em 1911 e 1914, para ser afinal tambem reduzido pela ultima modificação.

Actualmente para a matricula nas escolas primarias é necessario contar mais de 7 e, menos de 14 annos, admittindo-se nos cursos nocturnos alumnos desde 13 annos de idade.

Semelhantes alterações reflectem-se nos calculos da população escolar. A applicação de qualquer das conhecidas formulas de crescimento nos varios grupos de idade, além do inconveniente trazido pelo grande intervalo entre os dois recenseamentos de 1890 e de 1906, não pôde acompanhar o extraordinario desenvolvimento da cidade, depois das obras de remodelação e de saneamento, o que tanto influíu no augmento da população, como tornou evidente a notavel expansão demonstrada pelo numero de construcções feitas. Hoje ha outro factor a desvalorisar a approximação do calculo — a baixa provocada pelos effeitos da guerra na colonia estrangeira e, o que é mais de sentir no ponto de vista da população escolar — as sahidas determinadas pelo effeitos prementes da crise.

Si não é possivel evidenciar melhor quanto está o municipio, em materia de ensino primario, ainda distanciado da mais animadora

situação, uma vez que, por excessivo amor ás liberdades individuais, deve ser respeitado no cidadão até o direito de ser ignorante e de se descuidar da instrucção dos filhos... — o estudo da questão, apenas pelo confronto dos dados regulares das escolas municipais, já deixa perceber o muito que existe por alcançar.

Das escolas municipais, deve-se accentuar, porque do ensino privado não ha elementos seguros, a despeito do maior empenho da repartição municipal de Estatística e da Directoria de Instrucção.

Não estranhará a falta quem souber que uma das ultimas reformas decretadas levou o respeito á liberdade profissional do professorado particular ao extremo de excluir tão importante parcella do ensino local a qualquer *intervenção officia*l. Foram assim esquecidos os mais justos e razoaveis intuitos de hygiene, de moralidade e de estatística, acalados na propria lei Benjamin Constant, á vista das condições do meio em tão confuso periodo de *transição*.

Nas escolas officiaes da Municipalidade, a matricula augmenta sempre de anno para anno, sendo mesmo bastante animador o movimento conhecido dos ultimos tres exercicios apurados, segundo as informações da Estatística Municipal.

Esse facto melhor se pode observar apresentando as medias annuaes da matricula em cada curso — diurno e nocturno — seguidas da porcentagem em relação ao total do exercicio anterior:

1907.....	36.918		
1908.....	37.533	mais	1,66 %
1909.....	41.552	»	10,70 %
1910.....	42.825	»	3,06 %
1911.....	45.216	»	5,58 %
1912.....	46.662	»	3,19 %
1913.....	51.102	»	9,51 %
1914.....	57.125	»	11,78 %
1915.....	63.660	»	11,43 %

Quanto ao curso nocturno, o movimento attinge ás seguintes proporções:

1907.....	712		
1908.....	985	mais	38,34 %
1909.....	668	menos	32,18 %
1910.....	613	»	8,23 %
1911.....	1.511	mais	146,49 %
1912.....	2.246	»	48,64 %
1913.....	4.229	»	88,29 %
1914.....	6.422	»	51,86 %
1915.....	7.750	»	20,68 %

Em 1906 a população aqui recenseada com os limites actuaes da idade escolar (7 a 14 annos) elevava-se a 116.522 creanças. Hoje, decorrido um decennio, com as transformações operadas, é verdadeiramente de impressionar ainda quanto ha por fazer no combate ao analfabetismo, mesmo nesta

Capital onde a Municipalidade dispende por anno 18 % da receita propria só com as despesas escripturadas na rubrica «Instrução primaria», para afinal se computar em 105\$000 o custo medio do alumno nos dois cursos, ainda assim calculado pela media annual da matricula.

MARIO A. FREIRE.

RABUJANDO

A nossa chaotica orthographia necessita de todos os recursos para se fazer sabida dos collegias.

Não ha exemplo de escripta tão livre e de tão pouco interesse pela materia, como no Brasil. Os inglezes possuem complicada orthographia, tão complicada que dá quasi razão a *boutade* daquelle que ensinava: "Em inglez o *a* pôde ter todos os sons: *a, e, i, o, u*, menos o de *a*; o *e* pôde ter todos, menos o de *e*, e assim por diante" ou daquelle outro que dizia não se pronunciar em inglez o *r*, excepto na palavra *colonel* (que não tem *r*, o que não impede *John Bull* de pronunciar *cârn'l*). Mas os inglezes guardam, pelo menos, uniformidade no seu mystiforio graphico. O alumno aprende a escrever *light* e *weight*, e assim escreve sempre, com os seus grupos consonantæes inuteis.

Nós possuímos, durante muito tempo, ao alcance do povo, um paradigma para a boa graphia: era o *Jornal do Commercio*. No meu tempo, para tirar duvidas, quando não havia um dictionario, recorria-se ao velho orgão. Hoje, nem o *Jornal*. Entrou por aquellas columnas a faceirice, e o ancião fez-se petimetre. Cuida de tudo menos daquillo de que antes cuidava. Dos outros então, nem é bom falar.

Emquanto não conseguem tornar official uma reforma, seja qual fôr, bom seria que se fixasse a orthographia usual, mixta, incoherente, mas que ainda é a de toda gente.

E o Estado tem o dever de concorrer, com o seu exemplo, para essa fixação. Elle escreve pelo seu diario, pelas suas moedas e notas, pelas legendas dos monumentos, pelas placas dos estabelecimentos e das ruas.

Era exactamente por causa de placas de ruas que eu vinha rabujando.

No meu tempo, "nos bons tempos de out'ora", como diz o Guerra Junqueiro, recordo-me de que as placas de ruas nos ensinavam a escrever certas palavras, principalmente nomes proprios.

Pois hoje é uma lastima. Mandaram fazer letreiros novos, de esmalte, para todas as ruas, mas ninguem fiscalizou, ao que parece, o pintor de letras que as fabricou. E' um Deus nos acuda.

Encontrei *Benedicto Hypolito*, quando todos sabem que é *Hippolyto*; *Saenz Penã*, com o til erradamente sobre a ultima letra, pois é coisa sabidissima que deve estar sobre o *n*, para lhe dar o som de *nh*; *Bandeirandos*, tolice, em lugar de *Bandeirantes*, e muitos outros nomes erradamente escriptos. Ha pouco tempo, existia, em placa, uma rua *Barboza de Alvarenga*, usurpando a gloria da suave *Barbara*, esposa de Alvarenga, cuja biographia tão bellamente traçou o meu amigo Alfredo Valladão.

Parece que os funcionarios da Carta Cadastral (Prefeitura) deviam zelar pela boa graphia dessas placas, para que não induzam em erro os nossos já atrapalhados discipulos.

Tambem os letreiros dos bondes mereciam da Prefeitura um olhar. Houve uns, cujo endereço era *L. do Mattadouro*; felizmente o largo do Matadouro passou a ser Praça da Bandeira.

Mas ficaram outros letreiros errados, e quando não se trata de erros são abreviaturas estapafurdias, que se deveriam corrigir. Quem, por achar curto o espaço, escreve *Urugy*, com o *y* trepado como si fosse um expoente, em lugar de *Uruguay* e *Pr. 15 Nov.* por *Praça 15 de Novembro*, ou *Praça 15*, como diz o povo, merece pelo menos que se lhe mande apagar a obra.

Isto é rabugice, mas... *bons tempos eram os de antanho, em que o reyno era christam...*, como lá está nas *Sextilhas de Frei Antão*.

O Snr. Barão Homem de Mello, defendendo a graphia *Brazil* (com *z*) diz entre outras coisas, que no Imperio assim sempre foi escripto nas moedas. Nas actuaes ha para todos os gostos.

Não haverá concerto para tudo isto?

MESTRE ESCOLA.

II. — A ESCOLA

COMPLETIVOS DO VERBO

(Resposta)

Minha collega — Não resta duvida que o trabalho de ensino está rigorosamente na repetição intelligente, variada e agradável pelos modos e dizeres do professor, e pela disciplina e atenção contente da classe.

Não ha, nem pôde haver ensino em escola desordenada, em que os alumnos não obedecem, compellidos, porventura, pela falta de exactão da parte do professor.

Todas as disciplinas do programma devem concorrer para o perfeito conhecimento da lingua.

Que respeito e confiança pôde inspirar ao menino o professor que *dicta* pontos de historia do Brasil, manda *copiar* do livro *experiencias* de physica e chimica, e dá vestustas e sordidas *sebentas* de historia natural?

Vejam os factos:

Quando o *pronome* se se prende ao verbo transitivo indirecto, é sempre o seu sujeito, como no caso do verbo intransitivo.

Vejam os factos:
"O cubiçoso *usa* DO DINHEIRO, como meio e instrumento para conseguir outros fins...
Cousa é muito commum aos nescios *tratar* DE LIVROS, e aos cobardes *blasonar* D'ARMAS."
"Quem trabalha *trata* DA SUA VIDA, quem está ocioso *trata* DAS ALHEIAS."
"Precisa-SE DE TRABALHADORES."
"Usa-SE DE ARTIFICIOS."
Quando dizemos que o *pronome* se serve de sujeito aos verbos intransitivos e aos transitivos indirectos, e apassiva os verbos transitivos directos, queremos significar que no 1.º caso não toma o plural, como acontece com o segundo.

Convertam-se essas phrases para a voz passiva do verbo *ser*, e, com mais frequencia, para a voz passiva do *pronome* SE.
"Em muitos banquetes d'agora *se comem* vidas alheias, e naquelles *se moderavam* as proprias."
Mas nem todas as proposições são susceptiveis de soffrer as duas modalidades — *activa* e *passiva*.
O verbo *DEPARAR* — que significa — *dar, preparar, etc.*, é *activo*, quando o sujeito é da

3.ª pessoa, e exige a voz passiva, se a phrase puder ter sujeito da 1.ª Assim se diz:

Deparou-ME A FORTUNA BONS E ATTENCIOSOS DISCIPULOS.

Deparou-ME DEUS UMA BÔA COMPANHIA.

Uma *ocasião se me deparou propicia*; e não — EU DEPAREI *uma ocasião propicia*.

Deparar com — é erro gravissimo, quanto tenha a seu favor alguns exemplos classicos.

Como vimos, nos exemplos em que o verbo transitivo se mostra na voz activa, o objecto directo não se acompanhava de preposição, o que só se pôde dar — 1.º, para evitar ambiguidades — *A mãe ama á filha*; 2.º, quando a preposição representa o *artigo partitivo* que o portuguez moderno desconhece: *Comerás DO LEITE; ouvirás DOS CONOTOS, e partirás quando quizeres.*

O *verbo transitivo indirecto* tem o seu completivo, sempre precedido de preposição, ou representado pelas variações pronominaes — *me, te, nos, vos, lhe, lhes.*

Quando o *pronome* se se prende ao verbo transitivo indirecto, é sempre o seu sujeito, como no caso do verbo intransitivo.

Vejam os factos:

"O cubiçoso *usa* DO DINHEIRO, como meio e instrumento para conseguir outros fins...

Cousa é muito commum aos nescios *tratar* DE LIVROS, e aos cobardes *blasonar* D'ARMAS."

"Quem trabalha *trata* DA SUA VIDA, quem está ocioso *trata* DAS ALHEIAS."

"Precisa-SE DE TRABALHADORES."

"Usa-SE DE ARTIFICIOS."

Quando dizemos que o *pronome* se serve de sujeito aos verbos intransitivos e aos transitivos indirectos, e apassiva os verbos transitivos directos, queremos significar que no 1.º caso não toma o plural, como acontece com o segundo.

Precisa-SE DE PEDREIRO; singular.

Precisa-SE DE OPERARIOS; plural.

Aluga-SE esta casa; singular.

Alugam-SE pedreiros; plural.

No mais, nunca teve importancia capital essa guerra de grammaticos, a respeito do SE, sujeito ou complemento de verbo.

Um verbo é — *intransitivo, transitivo indirecto, transitivo indirecto, bi-transitivo*, não absolutamente, mas relativamente á proposição em que serve; e o seu valor significativo depende dessa funcção.

"Philippe de Macedonia não *conhecia* DE TODAS AS COUSAS, *mas conhecia* TODAS, e applicava o remedio."

"*Mude* DE ROUPA, e *saberá* DE tudo: elles *sabem* O VALOR DO VESTUARIO."

"Quem *ama*, porque *conhece*, é amante; quem *ama*, porque *ignora*, é nescio."

"Quantas vezes se *diz* do honrado e da honrada, do innocente e da innocente o que nunca lhe passou pela imaginação?"

Mas *basta* que o maldizente o *imagine*, ou... o *queira imaginar*, para o *pôr* na conversação e na praça, e o afirmar com tanta certeza, como se o lera em um Evangelho.

Deus vos *livre* DE TAES LINGUAS, e muito mais de taes imaginações."

"Quantas vezes se *dizem* as *palavras* sinceramente, com uma intensão muito sã, e *vós* AS *interpretaes* e *corrompeis* de maneira, que de um louvor *fazeis* um *aggravo*, de uma confiança uma injuria, de uma galanteria uma blasphemia, e de uma graça *levantastes* UMA LABAREDA, que se *originaram* della *muitas desgraças*."

Aqui vão estes trechos formados de verbos intransitivos, transitivos directos, indirectos e bitransitivos.

Notam-se-lhes varias proposições em que ha *duplos* objectos, equivalentes no sentido e na função.

"Foi um homem ao matto, diz Isaías (ou fosse escultor de officio, ou imaginario de devoção), levava o seu machado ou a sua acha ás costas, e o seu intuito era ir buscar um madeiro para fazer um idolo.

Olhou para os cedros, para as faias, para os pinhos, para os cyprestes; cortou, donde lhe pareceu, um tronco, e trouxe-o para casa.

Partido o tronco em duas partes ou em dois cepos, a um destes cepos metteu-lhe o machado e a cunha, fendeu em achas, fez fogo com ellas: e aquentou-se, e cosinhou o que havia de comer.

Ao outro cepo pôz-lhe a regra; lançou-lhe as linhas; desbastou-o; e, tomando já o maço e o escopro, já a goiva e o buril, foi-o afeiçãoando em forma humana.

Alisou-lhe uma testa; rasgou-lhe uns olhos; afilou-lhe um nariz; abriu-lhe uma bocca; ondeou-lhe uns cabellos ao rosto; foi-lhe seguindo os hombros, os braços, as mãos, o peito, e o resto do corpo até aos pés.

E feito em tudo uma figura de homem, pôl-o sobre o altar, e adorou-o."

"Ao avaro, não lhe peço nada, nem lhe aconselho que *dê* a *outrem*, nem lhe louvo o não dar nada a *ninguém*; e assim, não lhe minto, nem o molesto.

Ao soberbo, nem me faço grande, por não ficar com elle em contenda; nem aos outros pequenos, por que com elles se não alevante mais.

Ao ingrato; ou o não sirvo, porque me não magõe, ou quando o sirvo, lembro-me que a sua má natureza não pôde tirar o preço á obra que de si é boa.

Ao falador, calo-me; — ao calado, descubro-me com tento; — ao doudo, não lhe atalho a furia; — ao nescio, não trabalho por lhe dar razão; — ao pobre, não lhe devo; — ao rico, não lhe peço; — ao vão, nem o gabo, nem o reprehendo; — ao lisonjeiro, não o creio.

E deste modo, com todos estou bem, e nenhum me faz mal.

Não digo verdades que amarguem, nem tenho amidades que me profanem; não admiro fazendas que outros me invejem; porque neste tempo, das melhores tres cousas delle, nascem as mais damnosas que ha no mundo: da verdade, — odio; da conversação, — desprezo; da prosperidade, — inveja.

Sou qual me vês, e qual te eu digo; não quero parecer outro, nem ser mais do que pareço."

E assim iremos bem; por hoje basta.

Fico aqui por servil-a com toda a trigança, no interesse unico de que a senhora passe adiante, aos seus discipulos, com muita calma, e diaria e diuturna repetição, o conhecimento da nossa bellissima e graciosa lingua.

Se ha ahi algum menino que assim mesmo não aprende, é que, talvez, o ambiente se não compõe de pessoas que com alegria e amor se dediquem ao trabalho.

Não nos levem vantagem os pedreiros, ourives e marceneiros: os cantos, as pedras, os tijolos e a argamassa; o cadinho e o ouro, e a prata; os tóros e as tábuas lisas, os seus discipulos não os conduzem para casa, por se exercitarem no levantamento de paredes, na transformação dos metaes, e na execução de moldes de tauxia e marchetes.

Pela maravilhosa arte de ensino, as hyenas se transubstanciam em ovelhas, e o menino indocil pode ser plastico instrumento de assombrosos prodigios pedagogicos.

Abraços.

HEMETERIO DOS SANTOS.

11 de Outubro de 1917.

O DESENHO NO QUADRO NEGRO

E' muito frequente entre nós affirmarem os professores a sua aversão ao desenho, dizerem que lhes falta, por completo, *geito* para tão preciosa e indispensavel arte a quem se dedica ao ensino primario.

Quem discutirá 'entretanto a vantagem de poder o professor traduzir, por meio do desenho, aos olhos deslumbrados da classe, as cousas a que se refere, os objectos que são familiares ás crianças, que alegremente os reconhecem e commentam: — um ramalhete preparado pela manhã, um passaro cujo canto lhes chega aos ouvidos, personagens da fábula que recitaram, a menina encantadora e o menino polido de uma historia que lhes foi contada? E são tão pouco exigentes as crianças, com tão pouco se satisfazem! Basta-lhes um ligeiro contorno, mais não pedem nem precisam.

Será a falta de *geito* o unico motivo por que fogem os professores ao desenho? E' que não podendo executar obras primas, verdadeiros quadros, desistem de um pequeno esforço que lhes asseguraria o necessario, o estrictamente NECESSARIO. Quando *capazes* de taes desenhos, bem coloridos e de execução complicada, com perda de tempo e paciência que os impossibilita de renoval-os com frequencia, deixam durante dias os quadros occupados, só os *apagando* em ultimo extremo. Aproveitados nos quadros os espaços para outros trabalhos, torna-se o conjuncto de tal especie que seria interessante descobrir as relações imprevisitas que a logica infantil pôde crear entre cousas tão diversas. E, assim, commettem os professores mais um erro: esquecem que a atenção da criança, para se fixar de modo util, tem necessidade de ser solicitada para um só objecto.

O ideal é poder o professor rapidamente, de accordo com as necessidades de momento, reproduzir pelo desenho tudo aquillo que a criança precisa ver passar sob seus olhos curiosos.

Não é o desenho artistico que se exige do mestre, é a arte do *esboço*. Para interessar a criança e lhe dar trabalho á intelligencia, á imaginação, bastam-lhe as formas simplificadas.

Experimentem os nossos professores e os resultados não se farão esperar.

M. A. P.

LEITURA PRIMARIA

Não é uma novidade, no ensino da leitura primaria, o methodo objectivo da palavra ou

A ESCOLA PRIMARIA

sentenciação, como alguns o denominam, generalizando o processo.

Renan, na "Vida de Jesus", diz que o Divino Mestre devia ter aprendido a ler por esse methodo, que era o corrente nas escolas do seu tempo.

Nas "Lições de Coisas", de Calkins, se preconisa o *word's method*, a que Ruy Barbosa chamou "*methodo verbal*" na magnifica traducção que ha mais de 30 annos fez dessa grande obra didactica do escriptor americano. E fazendo a apologia do referido methodo de leitura, conclue por estas palavras: "Muito mais efficacia encerra este methodo no ensino de leitura do que a pratica usual de fazer atravessar os alumnos um fatigante processo synthetico que lhe é de todo o ponto incomprehensivel. Espanta a rapidez com que aprendem as creanças si o ensino começa fazendo-as reconhecer as simples formas das palavras, e não é menos maravilhosa a faculdade e perfeição que mais tarde, desenvolvem no soletrar".

Já oficialmente adoptado nos programas do Estado de Minas e agora no Districto Federal, não foi ainda, entretanto, o methodo praticamente utilizado nas demais escolas do paiz, porque até ha pouco sómente era conhecido theoreticamente pelos nossos educadores e professores mais adiantados.

Faltava o livro de leitura, isto é, uma organização methodica e systematica do processo de sua applicação, para ser posto nas mãos dos alumnos e conduzido pelo professor primario, com menos trabalho do que o da rotina da soletração ou syllabação, scientificamente condemnadas.

Ao professor Joviano devemos este serviço, quando foi chamado, no Governo João Pinheiro, a collaborar na reforma da instrucção de Minas, cabendo-lhe a organização dos programmas primarios e dos grupos escolares.

Reformando o ensino da leitura teve aquelle professor de compôr o seu livro *Primeira Leitura*, sem o qual a modificação adoptada não podia ser posta em pratica.

Foi esse livro que revolucionou o ensino da leitura abolindo os methodos antiquados então em voga. Tinha senões que o proprio autor reconheceu na experiencia de não poucos annos, corrigindo-os agora com o novo livro que está sendo aqui divulgado.

Vou tentar fazer aqui a critica do processo adoptado, que tão cabalmente satisfaz ás exigencias do methodo analytico das *sentenças*. Farei ver quanto é simples, intuitivo e natural, o novo ensino de leitura, o qual pôde ser praticado sem a minima difficuldade por qualquer professor primario.

Quem já se mettu a ensinar a ler ou teve occasião de acompanhar nas escolas o trabalho insano da leitura primaria, sabe quanto é convencional e arbitraria a série de sons inventada para as letras e syllabas que o professor faz decorar aos alumnos, preparando-os para a construcção das palavras. Soletando ou syllabando, o esforço das creanças submissas á imposição dogmatica do professor, é uma tortura de memorização mechanica, em flagrante transgressão das leis pedagogicas. Parte a creança do abstracto para o concreto, adquirindo primeiro um cabedal de formas vagas, sem idéa, sem expressão, figurando articulações innumeras e diferentes com as quaes ella vae construir, o que? — a palavra, já tão conhecida das creanças pelo som, pela significação e pela applicação que della fazem constantemente na sua linguagem oral.

O methodo objectivo é directo, parte da palavra que é a unidade da linguagem, e cujo som, articulações e forma, vão produzir a imagem, no cerebro, para a constituição da idéa. A primeira aquisição da creança, na lingua, é a palavra na sua fórma inteira, natural, com o seu valor expressivo, utilizada desde logo para actuar na phrase e na sentença, onde vae ser lida e comprehendida na sua applicação commum da linguagem escripta.

O alumno adquire primeiro um numero conveniente de palavras de significação mais concreta, familiares, com as quaes as lições são feitas, entrando elle desde logo a ler directamente a sentença, cada dia mais interessado pelas cousas novas que vae descobrindo no seu livro. As palavras adquiridas em cada sentença são applicadas variadamente em novas construcções escriptas, depois oraes, de modo a se tornarem tão familiares aos olhos e ao ouvido da creança que ella já as conhece muita vez pelas primeiras letras, ao escrever, ou pelas primeiras articulações ao dictal-as.

Começa então ahi a parte mais attrahente do methodo, porque agora o alumno vae agir por si, pelo proprio esforço, activo e interessado em applicar os elementos que possui, na composição de palavras novas, as quaes elle constrói e multiplica exercitando e revelando a sua capacidade intellectual.

Neste periodo da leitura é empolgante a acção da professora, que do quadro negro domina toda a classe, por mais numerosa que seja, attrahidos como ficam os alumnos em disputar a primazia na construcção de vocabulos novos. A professora ou um alumno decompõe as palavras nas suas articulações e, combinando os elementos obtidos, todos os alumnos trabalham em compôr palavras no-

vas, as quaes vão ser escriptas no quadro negro, augmentando-se progressivamente o vocabulario, producto da collaboração de todos da classe.

Desapparece o ensino individual que os outros processos de leitura não podem evitar. E' toda classe trabalhando activamente com a professora, interessando-se cada alumno pelo trabalho de todos e pelo resultado do seu esforço. Fracos e fortes, tímidos e audazes, todos têm o seu momento de actividade, e o ensino se distribue equitativamente por todas as filas. A lição de um é a de todos, e ella se faz sempre em voz alta fixando a boa dicção dos alumnos e a orthographia correcta das palavras.

O methodo assim conduzido, dirão, não pôde ser praticado por professores inhabeis, sem iniciativa, ainda não convencidos dos seus bons resultados. De accordo; mas é o que veio prevenir o novo livro *Primeira Leitura* com as suas lições organisadas systematicamente, de modo que as palavras adquiridas pelo alumno são repetidas em novas sentenças, até se tornarem habituaes e familiares aos olhos da creança, e as sentenças por sua vez se alongam progressivamente, produzindo applicações variadas e mais interessantes. O professor tem assim todo o seu trabalho organizado, e só lhe resta conduzir o alumno na leitura, da qual tirará todos os efeitos desejados.

A novidade que o professor Joviano trouxe para esse methodo analytic, além da systematisação das suas lições, é a applicação pratica do preceito moderno de pedagogia — que exige o ensino da leitura primaria simultaneamente com a escripta.

A *Primeira Leitura* é acompanhada de uma série de seis cadernos, pelos quaes o alumno aprende e pratica a calligraphia re-produzindo, dia a dia, methodicamente, as lições feitas, quer de leitura propriamente, quer de decomposição e composição de vocabulos, de modo que toda a palavra adquirida tem a sua fórma fixada pela escripta, com a orthographia correcta, a qual não se perde mais e vae constituir um elemento de progresso incomparavel para o alumno na classe de lingua patria. Os ultimos cadernos são exercicios magnificos de dictado, que recapitulam todo o livro economizando sobretudo o trabalho do professor.

Não ha comparação para este methodo systematico e progressivo, satisfazendo scientificamente, de uma maneira racional e economica, ás exigencias modernas do ensino, com o da rotina das syllabas e letras, mechanico e arbitrario, exigindo de cada professor um processo artificial, sem uni-

formidade nas escolas e, portanto, deficiente, porque depende em grande parte da habilidade inventiva de quem o ministra.

A *Primeira Leitura* é um livro attrahente porque desde a primeira lição interessa o alumno pelo assumpto das suas phrases, sentenças e pequeninas historias, as quaes variam de linguagem, satisfazendo ao meio social de todas as creanças a quem o livro se destina.

Assim exposto e comprehendido, creio que a divulgação desse livro vae trazer um grande melhoramento para o ensino da leitura primaria, que até aqui tem sido tão descuidado e entregue, ás mais das vezes, aos professores que menos competencia revelam para as materias superiores do curso primario. Entendo que o ensino da lingua patria deve ter como base o da leitura e escripta, confiados ambos a um só professor, dos mais habeis e mais identificados com a educação literaria das nossas creanças, donde provirá certamente o seu desenvolvimento intellectual na pratica de todas as outras disciplinas.

CORINA BARREIROS.

OS DONS DE FRÆBEL

CLASSE MATERNAL

7.º Exercício

Assumpto e objecto de acção

Esta nova serie de exercicios vae nos dar occasião de observar novas relações.

A criança fica conhecendo os verbos que exprimem movimento, a saber:

- 1.º Pousar (sobre a mesa).
- 2.º Apertar (a mão contra a mesa).
- 3.º Segurar (sem levantar).
- 4.º Sustentar (sobre a mão).
- 5.º Suspender (pelo cordão).
- 6.º Voltar — A bola estando pousada sobre a mesa, o alumno, conservando-a presa pelo cordão, imprime um movimento, formando um circulo com o pollegar e o indicador.
- 7.º Cobrir (com uma das mãos, tendo os dedos um pouco recurvados e sem tocar na bola).
- 8.º Comprimir (entre os dedos).
- 9.º Empurrar — A bola estando pousada sobre a mesa, a criança conservando o cordão preso numa das mãos com a outra empurra a bola.

10.º Tirar (para si) a bola pelo cordão. Feito isto de modo que a criança sinta o ligeiro esforço que produz, ella comprehende que age e que esta acção exercida sobre o objecto, produz um certo effeito.

Ella empurra a bola e a bala é empurrada. Faz-se então sentir a relação que existe entre o ser activo e os objectos sobre os quaes ella age.

Faz-se em seguida designar seres ou cousas no final de acção, analogas ás que se fizeram com auxilio da bola, exemplo: O cavallo puxa o carro.

A criança empurra a porta para abri-la. O tecto cobre a casa, etc.

8.º Exercício

Estudo dos caracteres dos objectos

Vamos agora com auxilio da bola, fazer observar algumas propriedades da materia.

Molleza — Fazer citar materias molles: lã, algodão, etc., em contraste com materias duras: o ferro, a pedra, etc.

2.º Materias lisas, macias ao tocar; asperas, etc.

Fazer citar objectos macios contrastando com objectos asperos.

3.º A bola pula: ella é elastica.

As crianças devem deixar cahir a bola sobre a mesa, conservando preso o cordão.

Fazer citar materias elasticas: o junco, a pellica, a barbatana, etc.

4.º A bola não é fragil; ella não se quebra ao cahir.

Faça a mestra com que as crianças deixem cahir a bola afim de provar isso.

Fazer citar em opposição, materias mais ou menos tenras e materias frageis.

5.º O choque da bola ao tocar na mesa, produz um ruido.

Os alumnos devem citar objectos cujo choque produz mais ou menos ruido da bola.

6.º Como conhecem que a bola é redonda?

Vendo, tocando: por meio da vista e do tacto.

7.º Como conhecem a côr?

8.º Como sabem que é molle? macia? etc.

9.º Como sabem que a bola faz barulho quando toca na mesa?

10.º Como sabem que ella está em repouso? Em movimento? Canto para finalizar.

9.º Exercício

A attracção

Vamos fazer a criança observar com auxilio da bola, uma das mais importantes propriedades da materia — a attracção.

1.º As crianças suspendem a bola pelo cordão. Largam em seguida o cordão. A bola cahe.

2.º Por que cahe a bola? Sustenham um lapis na mão.

Abra a mão; o lapis cahe. Por que cahe o lapis? Porque é pesado.

E a atracção que o faz cahir. Deixem a bola em repouso.

3.º Todo objecto cahe quando não está sustentado? Sim.

Faça a mestra com que as crianças citem objectos que têm visto cahir, exemplo:

Uma vareta, um lapis, um fructo que se desata, etc.

Qual o que chega primeiro ao solo?

4.º Conclusão: todo objecto tem peso, mesmo as cousas mais leves.

Deixe-se cahir um fragmento de papel, uma penna, etc., fazendo ver que não obstante serem leves, têm peso.

5.º Fazer citar em opposição objectos pesados e leves.

6.º Suspendem a bola pelo cordão.

E' difficil suspender a bola? Poder-se-á suspender assim um corpo mais pesado? Uma grande pedra, por exemplo? Um homem poderá levantar-a?

Sim, porque é mais forte.

E' preciso, pois, a força para levantar um objecto.

7.º Quanto mais pesado é um objecto mais força será preciso para o levantar.

Si a bola fosse de chumbo ou de ferro, precisaria mais força para suspendel-a? E para suspender este alfinete? E' preciso menos força, porque o objecto é mais leve.

8.º Deixar cahir a bola.

Cahindo, ella faz um movimento. Vae para a direita? Para a esquerda? Para cima? Para baixo? Ella vae directamente para baixo.

Todo objecto ao cahir, si não encontra um obstaculo, vae se dirigindo directamente para baixo.

9.º Si a bola está pousada sobre a mesa, ella ahí fica.

Por que a mesma não fica sobre a estante inclinada?

Os objectos rolam ou resvalm sobre um plano inclinado; é ainda cahir; é ainda a atracção a causa deste movimento.

Para impedir um objecto de cahir é preciso pousal-o.

Pousem a bola na mão ou suspendam-na pelo cordão.

10.º Exercício

Desta vez o cordão será sujeito á observação.

Para isso vamos suspender a bola pelo cordão; elle ficará na direcção do fio a prumo e servirá de ponto de partida para as observações das direcções da linha.

1.º Tomem a bola na mão esquerda; estiquem o cordão da mão direita. Elle representa uma linha.

Quando elle se acha esticado, forma uma linha recta.

2.º Aproximem um pouco as mãos. O cordão representa ainda uma linha, mas desta vez é uma linha curva.

3.º Suspendam a bola pelo cordão. — E' o fio a prumo.

O cordão representa uma linha recta na direcção vertical.

Façam perceber as linhas na direcção vertical que se encontram nos moveis, nas construcções, etc.

4.º Tomem a bola na mão direita, estiquem o fio (horizontal).

O cordão representa uma linha recta na direcção horizontal.

Fazer perceber as linhas horizontaes.

5.º Abaixem a mão direita, levantem a esquerda. O cordão representa uma linha obliqua á direita.

6.º Movimento inverso. Linha obliqua á esquerda.

Faça-se tambem perceber as linhas obliquas nos moveis, construcções, etc.

Este ultimo exercicio é destinado a servir de transição ao emprego geometrico dos bastões e poderemos desenvolver algumas idéas centraes como sejam: a lã, o fio, o linho, o canhamo, a pintura, a borracha, etc., com os elementos dados nesta interessante serie de exercicios de que consta o Primeiro dom de Frébel.

CONCLUSÃO

A despedida das bolinhas

(Adaptação)

Tendo acabado a sua missão junto das crianças que povoam a Classe Maternal, eis que as seis bolinhas se despedem dos seus camaradinhos, para darem logar a tres personagens não menos importantes, que são: o cubo, a esphera e o cylindro.

Esta fantasia tem por fim ensinar á criança o modo pelo qual se deve receber qualquer visita, as saudações usadas nessas occasiões e nas despedidas.

A professora contará uma hitoria, fazendo constar que as bolinhas, acabados os seus serviços, tenham vindo se despedir, o que suscitará uma objecção por parte das crianças, visto como as bolas não falam nem andam.

A professora fará então que as crianças figurem as seis bolinhas de que consta o "Primeiro dom".

Estas sahirão da sala e de fóra, baterão palmas. Quem será? As crianças levantam-se como donas que são do "Paraíso", afim de receber as visitantes.

— Ah! são vocês, caras bolinhas?

Entrem e sentem-se á vontade.

— Bom dia, caras amiguinhas!

— Bom dia, bolinhas. Vieram brincar connosco?

— Não, caras amiguinhas, acabada a nossa missão junto de vocês, vamo-nos embora, viemos despedir-nos.

— Como, vão nos deixar? Não façam isso; ficaremos muito tristes!

— Vocês já não precisam de nós, pois já têm novos amiguinhos que são: a esphera, o cubo e o cylindro.

— Ora, então julgam que seremos tão ingratas que vamos abandonar vocês por termos novos camaradinhos? Isso nunca; demais, vocês são tão boas, tão alegres, bailam no ar impellido pelas nossas mãosinhas; rolam junto de nós por sobre a gramma; recebem maus tratos jogadas d'aqui para alli pelos nossos colleguinhas que se divertem, sem que desprendam um queixume; são ainda nossas companheiras nos jogos que, sem vocês, não se poderiam realizar...

São lisas, macias, ao passo que o cubo magoa os nossos dedinhos com as suas quinas e cantos aguçados e a esphera não pula; é preguiçosa.

Ha dias, desprendendo-se da minha mão-sinha, foi cahir sobre o meu pé, fazendo-me soffrer muito, mas a mestra castigou-a prendendo-a no armario junto ás outras.

Não bolinhas, não nos deixem.

— Nós tambem sentimos deixar vocês, porém somos obrigados a assim proceder por termos sido chamadas a prestar os nossos serviços aos seus novos colleguinhas.

— Ah! então sim, bolinhas; já não queremos prender vocês; não somos egoistas; não queremos privar os nossos companheirinhos da felicidade de estar em sua companhia.

— Adeus, pois, caros amiguinhos; viremos de vez em quando, afim de trabalharmos juntos, pedimos, no entanto, que não se esqueçam de nós.

— Mas, certamente, nem isso nos é possivel, pois que tudo, em redor de nós, de vocês fala; sinão, ouçam: sempre que a pesadona da esphera vier para cima da mesa a sua forma lembrar-nos-á as amiguinhas que se foram.

Toda a vez que traçarmos linhas, lembrarmos-emos das suas longas tranças; ao olharmos o ceu em dias de sol, as folhas, a doce laranja que pende da haste, lá no pomar, a flor do maracujá que se debruça travesso nas grades do nosso pittoresco Pavilhão, é ainda de vocês que nos lembraremos!...

— Bem, assim vamos mais consoladas.

— Adeus (disse a bolinha azul) o ceu que é meu igual na cor, fará que se lembrem de mim nos dias claros.

— E nós (falaram por sua vez as bolinhas vermelha e roxa) toda a vez que o sol se deite e o formoso Manacá que ladeia o nosso Pavilhão se cobrir de flores é de nós que se hão de lembrar.

Eu então serei sempre lembrada, pois em frente estendem-se arvores frondosas de verdes folhagens; em volta, trepadeiras se entrelaçam; mais além, estende-se o macio gramado sobre o qual brincam.

Só de mim (gemeu a bola alaranjada) é que se não hão de lembrar!

Como assim (responderam os meninos em côro) si mamãe, por saber que as fructas fazem bem á nossa saúde, dá-nos sempre laranjas para a merenda? A cor que enfeita a sua face não é a mesma que a dessa doce fructa?

Finalmente, a amarella não ficará esquecida pois que o sol tem esta mesma cor quando se levanta, assim como o doce Oity, que nos delicia, tambem falarão da amiguinha que se vae.

Adeus! bolinhas! Adeus!

Adeus! Adeus! Adeus!

M. M. PEREIRA DA FONSECA.

III. — LIÇÕES E EXERCÍCIOS

A EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

ACÇÃO DA FAMÍLIA: ASSEIO PHYSICO E MORAL

A acção da família sobre o individuo — sobre o individuo em formação, principalmente, que é a creança — deve se traduzir pelo asseio: asseio physico, asseio moral; os dois modos de ser, independentes na apparencia, se fundem sem separação possível. O dever individual, o interesse colectivo está em *ser limpo*. Limpeza material, limpeza de caracter estão dentro do mesmo dever, do mesmo interesse, das mesmas consequências.

O individuo que não zela o seu corpo, que se descuida da sua roupa e dos seus objectos, que traz a desordem ao seu aposento, a sua casa, ao meio material em que vive, e que, por isso mesmo, não se importa de perturbar a ordem e o asseio da vida collectiva, não pode ter no seu moral a meza que lhe é precisa para viver com dignidade. *O Não faz mal, o Não tem importancia, o Não quer dizer nada* são amigos que tanto absolvem o individuo que não escova a roupa, que traz o quarto ou a casa em desarranjo e que joga cascas de fructas na rua, como aquelle que mente por habito, que não guarda a sua compustura publica, que pratica uma deshonestidade desde que não possa ser punido por ella. E todo homem tem não só o dever moral, mas o interesse pessoal em ser limpo.

O que se descuida materialmente de si é prejudicado no seu conforto, na sua saude, no conceito dos outros, não sómente dos individuos limpos,

e á bondade, não sómente nos deprimimos intimamente com a baixaza da acção, como ajudamos a crear um estado social de que soffreremos as consequências, visto como o individuo não pode escapar aos males da collectividade.

Na familia, como na sociedade e na patria, o egoismo é punido pela ruina do edificio de que não pode fugir e que concorre para abalar.

PATRIOTISMO: EVOLUÇÃO DO AMOR DO BERÇO

O patriotismo não é apenas o amor da grande terra: é igualmente o do pequeno torrão, da cidade, do arrabalde, da casa paterna; é o berço, em summa, a fonte e o desenvolvimento da nossa vida.

O amor da patria não pôde ser vago, não pôde abstrahir do ponto material onde se prendem vivas as mais fundas recordações e que o nosso sentimento immaterializou, ao mesmo tempo que torna concretos, ligando-os a um retalho de terra, a um panno de parede, a uma visão de paysagens, os factos moraes, as emoções, as reminiscencias, as expressões de reconhecimento, de saudade e de orgulho que formam o fundo do patriotismo. Por isso mesmo, tem de partir do menor para o maior. O sentimento nacional não é senão a evolução do sentimento do *domus*, do lar, da casa natal. Elle parte do canto que nascemos, passa pelo arrabalde em que foi esse lar, estende-se á cidade que guarda o lar e o arrabalde, desenvolve-se pela provincia

Instruir a mocidade, formar-lhe o caracter, habilita-la para os trabalhos da vida, que área enorme para a actividade de um administrador! A escola ensina o caminho das urnas e prepara o alicerce das democracias.

RODRIGUES ALVES.

como dos desasseiados, que, por desordem moral, censuram communmente em terceiros, e com maior maledicencia, aquillo que elles proprios praticam. *O Não faz mal, o Ninguém tem nada com isso* são apenas amigos de apparencia; longe daquelles a quem aconselham mudam de nome e passam a ser *o Vejam só!* e *o Parece que não tem vergonha!*

O desasseio physico começa assim a transformar-se em sujidade moral. Elle acaba, no proprio individuo, pelo lasseamento da vontade, pela frouxidão do sentimento, pela indifferença da ordem e do dever, pela obliteração do caracter.

A creança que cresce desmazeladamente só pode vir a ser um homem sem dignidade. Acostuma-se a não ser limpo; não terá a preocupação de seu moral.

Que é ser *moral*? É ser bom, é ser justo, é ser digno; é ser cioso de si e respeitoso dos outros, naquillo que merece a todos o respeito. Nos menores actos, como nos maiores, ha necessidade desse respeito, que não é afinal senão o respeito de si proprio. Si atiramos na via publica cousas que a sujam ou lhe prejudicam o transitio, nós nos molestamos a nós mesmos, roubando um pouco do gozo e do conforto que nos dava a rua limpa, desembaraçada e bella; e damos com isso o exemplo e o direito a outrem de augmentar esse damno, fazendo tanto ou mais do que fizemos. Do mesmo modo, si praticamos uma injustiça, se commetemos uma violencia, se fechamos o nosso animo á rectidão

onde a cidade se eleva, chega á grande patria em cujo ambito se encerram as provincias, as cidades, os bairros, os lares irmanados aos nossos. É uma expansão do amor, na justa expressão do termo, e que se fortalece e augmenta com o desenvolvimento do individuo, da sua consciencia e das suas relações moraes com o meio em que surgiu.

Vem dahi que os povos e os individuos de maior orgulho regional são tambem os de maior zelo e dedicação á Patria. Elles afinam o amor á grande terra pelo apego que têm ao seu torrão particular. *O bairrismo*, que tanto se condemna — como o patriotismo e o amor da familia — só é censuravel quando entra na inconsciencia e na aggressão. O amor sem detalhe, o zelo sem objecto concreto, o orgulho sem objectivação são factos inconscientes. É raro o que, nessas condições, resiste e se mantem; e isto explica a facilidade com que, em tantos espiritos, a patria se desmerece.

Amar a familia é a forma inicial do patriotismo; amar o bairro, a cidade, a provincia é o seu desenvolvimento natural; amar a grande patria é o termo dessa evolução, que começa no apego ao que se tem perto e se estima vivamente, para chegar ao que se conhece através do amor dos irmãos, dos conterraneos, dos patrios, e que nos prende o sentimento pela mesma razão porque na familia os ramos do mesmo tronco se unem, frondejam, florescem, fructificam e soffrem pela mesma origem,

HISTORIA E GEOGRAPHIA

HISTORIA

CLASSE ELEMENTAR

2.º anno

A casa paterna. A cidade, villa ou logarejo onde ella se acha collocada. O municipio, o Estado. Nome da nossa patria.

ORIENTAÇÃO PEDAGOGICA — Tratando-se de uma classe elemental, as noções a ministrar têm por objectivo despertar na criança o sentimento de amor ao lar paterno, extender esta corrente affectiva á cidade onde nasceu, e abranger ainda o paiz cujo territorio representa a Patria.

Evocar as primeiras impressões da infancia. os cuidados maternos, a alegria do viver em familia, constituem os meios mais praticos para incutir nos alumnos as idéas de civismo e amor á patria, perfeitamente ligados aos sentimentos de respeito e união entre os membros da familia.

O professor interroga um alumno sobre a sua conducta, aconselha-o, narra um facto que ponha em destaque os sentimentos de amor filial, incita-o a imitar o protagonista dessa historia, e concorrerá desse modo para a formação do caracter da criança.

Gradativamente, o mestre passará da casa paterna ao torrão natal.

Um dos alumnos, interrogado, dá o nome da localidade onde nasceu; é um logarejo obscuro, distante da cidade, desprovido dos innumerables melhoramentos dos centros civilizados.

Que importa? É uma parcella da grande Patria, tem o atractivo da vida do campo e a perspectiva de um futuro de riquezas representadas pela uberidade do solo, ainda inculto; merece cuidado de seus filhos como qualquer ponto do territorio nacional.

Resta ainda despertar a idéa de fraternidade entre os individuos nascidos no mesmo paiz. Aqui, dirá o mestre, somos todos brasileiros, a nossa patria é o Brasil, grande paiz dividido em Estados, onde se fala a mesma lingua e se vive sob as mesmas leis.

Como é provavel, haverá na classe, crianças estrangeiras ou filhos de estrangeiros. O professor não as deve excluir dessa communhão de civismo, lembrando-lhes antes a hospitalidade generosa da grande Republica Sul Americana, onde seus paes encontraram uma nova patria. Envolve-os, assim, numa atmosphera de sympathia, o mestre terá lançado o germen da gratidão sobre aquelles pequeninos corações que, para o futuro, correrão a defender, palpantes, o paiz que os acolheu e a seus paes, como patria verdadeira.

CLASSE COMPLEMENTAR

1.º anno

Estado do Ceará

Falar no Ceará é lembrar o flagello terrível que assola o Nordeste brasileiro: — as seccas e, infelizmente para os seus habitantes, é talvez o Ceará o Estado que mais tem soffrido com ellas. Apesar disso, esse Estado tem se vindo povoando e prosperando desde o inicio da nossa nacionalidade.

Foi Pero Coelho de Souza o primeiro portuguez que pisou terras cearenses, fundando ás margens do rio Jaguaribe, em 1603, uma colonia a que deu o nome de Nova Luzitania, defendida pelo forte de S. Lourenço, construido na mesma occasião.

Dividido o Brasil em capitánias hereditarias, foram as terras que constituem o Estado do Ceará doadas a João de Barros, Antonio Cardoso de Barros e Fernão Alvares de Andrade, pertencendo ao primeiro as terras que vão do limite com o Estado do Rio Grande do Norte até a foz do Jaguaribe, ao segundo, deste ponto até o Mundahú e ao terceiro do Mundahú até o limite com o Piahy. Esses donatarios, entretanto, nada puderam fazer para colonizar o solo cearense, cuja primeira povoação como já dissemos, foi estabelecida, no interior, por Pero Coelho.

O inicio do povoamento do littoral foi realizado por Martim Soares Moreno em 1611, com a construção de um forte e uma ermida na praia de Mucuripe, sob a invocação de Nossa Senhora da Assumpção, feitoria essa que se transformou com o perpassar dos tempos na actual cidade de Fortaleza.

Na lucta inclemente com a natureza, o caracter do povo cearense vem se affirmando em traços de constancia e energia invejáveis, tomando parte activa nos movimentos tendentes a estabelecer um regimen de liberdade em nosso paiz, culminando no movimento abolicionista, sendo como foi o Ceará a primeira Provincia a abolir por completo a escravidão, antes que, por lei, fosse abolida no resto do paiz.

Dadas estas noções historicas, começará o professor o estudo desse Estado pela sua superficie avaliada em 160.000 km², com uma população approximadamente de 1.200.000 habitantes.

Para poder a criança com facilidade traçar o contorno do Ceará, mandará o professor construir um triangulo cujos vertices representarão, um, a barra do rio Mossoró, outro, a do rio Timonha, e finalmente o terceiro a cidade de Jardim, cujos lados servirão de base para o tra-

çado da linha, que representará o referido contorno. Sobre o lado comprehendido entre a barra do Mossoró e do Timonha será delineado o litoral de 700 km. de extensão, baixo, arenoso, formado de medões de areia que se movem e se deslocam conforme os ventos reinantes.

Essas dunas apparecem ao Norte do rio Mossoró até a barra do Jaguaribe. Ao Norte desse rio, a costa abate-se, alaga-se e os comoros de areia são levados para o Norte, onde se erguem a grandes alturas (60 a 80 metros).

A baixada intermediaria entre as dunas e a praia é completamente esteril, alagadiça, impropria para o cultivo agricola; nellas se encontram as salinas.

Os portos mais importantes do litoral são: Camocim, bem abrigado, ponto de partida da Estrada de Ferro de Sobral; Acarahú, na foz do rio do mesmo nome, e Fortaleza, porto aberto, obstruido pelos recifes, invadido pelas areias que inutilizaram o quebra-mar mandado construir a 200 metros do litoral, e de accesso difficil. O desembarque se opera com difficuldade por meio de uma ponte metallica de 150 metros de extensão e ligada á Alfandega.

Em toda a costa cearense não existem cabos propriamente e sim algumas pontas como a de Jericoaquara, Mucuripe e Grossa.

Do litoral para o interior o solo se vae elevando gradativamente em especies de tableiros intercalados por serrotes, aridos e graniticos até elevar-se mais rapidamente na cordilheira circular que o envolve e que é formada pelas mais altas serras da região. Ella se levanta a Oeste com o nome de Ibiapaba entre o Ceará e o Piauihy e, separando esses dois Estados, corre em forma de muralha de penoso accesso que, se interrompendo bruscamente para dar passagem ás aguas do Poty, continúa para o Sul, onde, servindo de limite com o Piauihy, toma o nome de Araripe.

Dahi em diante, menos elevada e mais interrompida vae circumdando o Ceará, com os nomes de Camará, Pereiro até a chapada do Apody.

Para o interior são tambem encontradas algumas serras esparsas como Maranguape, Machado, Baturité e outras.

Cortando abruptamente essas serras, se vêm, não raro, na estação pluviosa, muitas torrentes que, atravessando as gargantas abertas, vão em busca do Oceano ou de outros rios. No estio ficam abertos e seccos os sulcos á espera que novo inverno permitta sobre elles correr o precioso liquido.

Dos rios do Ceará, o Jaguaribe é o mais importante. Nasce com o nome de Carrapateira, descreve uma curva de Oeste para Leste e, seguindo depois para o Norte, recebe o Salgado, o riacho do Sangue, o Bonabuyú. Desse ponto bifurca-se, formando com suas sinuosidades, algumas ilhas, em uma das quaes fica a cidade de Limoeiro e noutra a villa de União. O seu leito já um tanto baixo, mais abatido fica, alagando os terrenos marginaes á esquerda, fertilizando-os, até lançar-se no Oceano.

O segundo rio do Estado é o Acarahú cujo curso segue a direcção geral do Sul para Norte, deitando-se ao mar por duas boccas.

Entre esse rio e o Jaguaribe muitos outros ha de menor importancia, como: o Choró, o Ceará, que deu seu nome ao Estado, o Curú e o Aracaty-Assú.

Ha ainda o Camocim e o Timonha que entra no Oceano formando pequena enseada proximo á qual se dilatam extensas salinas.

Esses rios, como todo os do Estado, pouco merecem esse nome, elles são no inverno torrentes impetuosas, que se despenham do alto das serras, abrindo nellas sulcos profundos, mas que, aos primeiros acenos do estio, escoam-se, somem-se, deixando sómente nas serras, pequenos arriolos que, apenas descem as vargens, são absorvidos pelo terreno permeavel.

Felizmente, os maiores rios do Ceará, quando seccam, deixam, de espaço a espaço, poços de tamanhos variaveis alimentados por corrente occulta, que duram por muito tempo, mesmo por toda a secca, si essa não excede os limites ordinarios.

Phenomeno tambem interessante se dá na foz de alguns rios, onde as areias formam verdadeiras barragens que represam as aguas, permitindo a formação de grandes lagoas destruidas pelos grandes invernos e pelos agricultores do litoral, que são prejudicados pela enchente.

Não fossem as febres que se desenvolvem nas margens dessas lagoas e a quantidade de insectos nocivos que desde logo infestam as regiões marginaes, seriam de alguma utilidade taes lagoas.

Sobre esse litoral, baixo e arenoso, foi construida a cidade de Fortaleza, capital do Estado, que é pela sua belleza chamada a *Prinzeza do Norte*. Suas ruas são espaçosas, cortadas em angulos rectos, bem calçadas e illuminadas.

Possue muitas praças, algumas ajardinadas, um mercado e muitos edificios notaveis como o Palacio do Governo, a Assembléa Estadual, a Bibliotheca Publica, com mais de 8000 volumes, o Hospital de Misericórdia, o Theatro José de Alencar, a Escola Normal, etc.

O Ceará conta muitas cidades prosperas como Sobral, segunda cidade do Estado, muito bem edificada e possuindo um templo que honra o Ceará.

E' ligada a Comocim pela Estrada de Ferro de Sobral e possui uma linha de bondes.

Exporta por Camocim, algodão, couros, solas e pelles de cabra.

Baturité, que se communica com a capital pela Estrada de Ferro Baturité, construida no sopé da encosta do mesmo nome, em terreno fertilissimo, cultivando canna de assucar e café, reputado um dos melhores da Republica.

Aracaty, muito commercial, á margem oriental do Jaguaribe, com exportação de algodão, cera de carnahúba, calçado e fabricação de tecidos de algodão.

Maranguape, uma das maiores do Estado, exportando café, assucar, algodão e excellentes laranjas.

Acarahú, produzindo algodão e exportando queijos, sal e peixes seccos.

Além dessas convém citar Crato, Quixeramobim e Quixadá, com grande açude construido pelo Governo Federal, com o fim de irrigar as terras circumvizinhas assoladas pelas seccas.

Será bom que o mestre aproveite o ensejo, falando em Quixadá, para explicar á classe o que vêm a ser *açudes*, dizendo que elles não pas-sam de verdadeiros lagos artificiaes, formados pela barragem das aguas de um rio, que no inverno (dá-se no Ceará o nome de inverno á estação das chuvas), não tendo escoadouro, formam enormes reservatorios.

Desses reservatorios sahe a agua por um canal que, dividindo-se em outro, vae irrigar o terreno resequido.

O açude de Quixadá é uma obra grandiosa que custou muito dinheiro, mas que não beneficia, como devia, a região irrigada, porque a zona abastecida d'agua é pela sua constituição pedregosa, impropria para o desenvolvimento da agricultura.

Outra devera ser a area escolhida. As terras banhadas pelo Jaguaribe e seus afluentes, mais fertéis e mais proprias para a agricultura, necessitam mais ser irrigadas. A construcção de diversos açudes que represassem as aguas de alguns afluentes do Jaguaribe, e que irrigassem as fertéis terras proximas a Lavras, Iguatú e Quixeramobim, situada na principal zona criadora do Ceará, já attenuaria muito os rigores da secca, concorrendo bastante para a resolução do problema politico e social que tanto tem preocupado o governo do Estado.

Para esse magno assumpto deviam convergir

LINGUA MATERNA

CLASSE PRELIMINAR

I — Recitação — Os meus dedos

Nesta mãozinha direita
Eu tenho cinco dedinhos,
Fazem tudo de uma feita,
Fazem tudo ligeirinhos.

São pequenos, são prendados,
São formosos, pois não são?
Eu acho tão engraçados
Os dedos da minha mão!

São espertos nos brinquedos
Os meus dedinhos mimosos,
Mas da esquerda, estes meus dedos
Já são muito preguiçosos.

ZALINA ROLLIM.

EXPRESSIONES QUE DEVEM SER EXPLICADAS

fazem tudo de uma feita — fazem tudo de uma só vez.

as vistas de todo o paiz que, com algum esforço, podia levar a effeito a realização dessa empreza, não se lembrando que favorecia o Estado do Ceará e só pensando que livraria da fome e da sede uma grande parte de seus filhos.

O Ceará tem duas estações, a chuvosa chamada inverno, de Janeiro a Junho, cujas chuvas são mais intensas de Março a Abril, e a secca de Julho a Dezembro. (Nos bons annos ha ainda as chuvas de Cajú, incertas, vagas em Outubro e Novembro.) No inverno, mal cahem as primeiras chuvas, a natureza renasce, a pertilidade é geral e espantosa. Um litro de feijão ou milho produz 200 litros!

Epocas ha, porém, em que a estação chuvosa não se manifesta; vem então a secca, a fome e a sede, previstas já pelo sertanejo que viu desolado passar o dia de S. José (19 de Março) sem que uma só gota d'agua se desprendesse do céu, de um azul aterrador.

E' pena que isso succeda em uma região habitada por 1.000.000 de almas, e capaz de produzir tanto ou mais do que muitas outras de igual extensão e mais favorecidas pela natureza.

Do que já foi exposto se vê que o Ceará produz algodão, canna de assucar, café, grande e variada quantidade de fructas; cria muito gado e exporta couro, pelles de cabra e muitos objectos lá confeccionados e apreciadissimos em nosso mercado, onde são obtidos por alto preço, como sejam as rendas de algodão, de linho, rédes, etc.

Os seus portos de maior movimento são: Fortaleza, Camocim, Aracaty e Acarahú.

Do porto de Fortaleza parte a Estrada de Ferro de Baturité, que vae a Cedro e possui dois ramaes: o de Maranguape e o da Praia.

Do porto de Camocim parte a Estrada de Ferro Sobral, que vae até Poty.

são prendados — sabem fazer muitas cousas, têm muito geito, muita habilidade.

são formosos — são bonitos, bem feitos.

Nota: O questionario deixa de ser aqui sugerido por demasiado facil.

II — Elocução — Affonso, o desattento

Affonso e Carlos são irmãos.
Entraram para a escola no mesmo dia e foram para a mesma classe.

Todos os dias sua mamãe os mandava á aula com muito sacrificio, porque é viuva e pobre.

No fim do anno Carlos fez exame, passou de classe e ganhou um bonito premio.

Com Affonso, o mais velho, não se deu nada disso. Por que?

O motivo é facil de adivinhar.

Affonso é muito desattento. Quando a professora explicava as lições, estava sempre pensando em outra cousa.

Muitas vezes conversava ou brincava com o lapis durante as explicações.

Affonso não sabe cousa alguma. Um menino que não presta atenção em aula, não aprende.

III — Modelo de exercício puramente oral

UMA MENINA TEIMOSA

- 1 A professora hoje ralhou com a Julinha.
- 2 Disse-lhe que ella é uma menina teimosa.
- 3 Julinha levou para a aula um pedaço de bolo.
- 4 Pôz-se a comer-o ás escondidas.
- 5 A professora viu.
- 6 Mandou Julinha lavar as mãos, recomen- dando que esperasse pelo recreio.
- 7 D'ahi a pouco a Julinha continuava a comer ás escondidas.
- 8 Ficou com as mãos sujas e, á hora do desen- ho, manchou de gordura o seu caderno.
- 9 Como está feio o desenho de Julinha!
- 10 Quem mandou ser teimosa!

CLASSE ELEMENTAR

I — Leitura e recitação — O vinho branco

Apanhando-se sózinho,
o Claudionor
tira a garrafa de vinho
que estava no aparador.

—Vou beber um grande gole,
fala o petiz,
e, como não era um molle,
depressa faz o que diz.

—Jesus! (Foi mesmo um milagre!)
Ai! que acidez!...
Tinha bebido vinagre...
e o vinho fôra uma vez!...

—Nunca mais, disse aturdido
o Claudionor,
eu bebo, assim escondido,
por melhor que o vinho fôr!

DOMINGOS MAGARINOS.

PALAVRAS QUE DEVEM SER EXPLICADAS

aparador — móvel em que se colloca o que é necessário ao serviço da mesa de jantar.
acidez — sabor, gosto azedo, acre.
aturdido — atordoado, estonteado, perturbado, assustado.

RESUMO

O Claudionor, que de molle nada tem, vendo-se só, completamente só, na sala de jantar, tira do aparador uma garrafa de vinho e, sem demora leva-a á bocca, tragando um grande gole. Oh! surpresa!... Em vez do delicioso vinho que suppunha poder saborear, sente um gosto muito azedo, e vê que bebeu vinagre. Então, meio atrapalhado, o Claudionor exclama: nunca mais

eu bebo ás escondidas, nem mesmo o melhor vinho!

Que boa lição para o guloso! Não?

QUESTONARIO

Por que foi castigado o Claudionor? Não me-receu esse castigo? Como devemos proceder quando desejamos alguma cousa que nos seja agradável? Por que não fez assim o Claudionor? Qual teria sido a sua intenção, esperando que ficasse só na sala para beber o vinho? Que teria pensado quando se viu logrado?

II — Exercício de observação e vocabulário

MEU QUARTO

O que nelle se encontra: cama (colchão, travesseiro, cobertas), cortinado, tapete, comoda, toucador...

(Neste como em todos os exercicios desta classe, a professora deverá encaminhar os alumnos de modo que *observem* os objectos que os cercam, fazendo mencionar a forma e a utilidade que têm, as diversas partes que os compõem, etc.)

ORTHOGRAPHIA

Um presente

Marina é uma menina muito meiga e obediente.

Em recompensa de seu procedimento exemplar, seus paes lhe fizeram presente de uma bonita cama de madeira clara, a qual está sempre muito bem arranjadinha: coberta com uma bella colcha de filó bordado e tem um cortinado muito alvo no qual se percebe um gracioso laço de fita azul.

O travesseiro, bem macio, é forrado com a fronha mais apreciada por Marina; a que lhe deu sua tia quando ella fez sete annos.

Que bom presente!

PALAVRAS QUE DEVEM SER EXPLICADAS

alvo — claro.
percebe — vê.
gracioso — bem feito, bem dado.

2. Deveres fraternaes.

"Vem cá, meu amor. Já te calcei; já te vesti. Resta-me agora aparar-te as unhas. E não é que ellas estão mesmo crescidinhas?"

Assim falava a galante Jenny a seu irmãozinho Oscar.

Jenny conta apenas oito annos de idade.

E' uma irmã dedicada e carinhosa.

Compreende bem que os irmãos devem amar-se. Sabe que os mais velhos devem auxiliar e proteger os menores.

Tão nova ainda, e já tão ajuizada! Que alegria para seus paes!

REDACÇÃO

Minha cama

Como é (tamanho, côr, feitto)? Como é guardada? Onde repousaes a cabeça? Que usaes no tempo do frio para conservar o calor do leito? E no calor? A que hora vos deitaes? Quando vos levantaes? Achaeis prazer em estar na cama?

Como seriam felizes todas as crianças si tivessem uma cama para repousar!

CLASSE MEDIA

Leitura — Innocencia

Um anno faz que alli no jasmineiro,
Então florido, alegre e perfumado,
Tal como agora está, tão delicado,
Um canario amarelo e feiticeiro,

Veiu tecer um ninho. O jardineiro,
Que ás flores dava a flor do seu cuidado,
Zangou-se por haver Nenê pisado
A ver o ninho, as malvas do canteiro.

"Não piso mais, disse ella, de mansinho,
Eu tiro-o já; p'ra beira do caminho
Irei leval-o lesta, de carreira.

Mas tu, quando voltar o passarinho,
Dir-lhe-ás que lhe mudei o bello ninho
Para a sombra d'aquella trepadeira."

(D"O Livro das Aves")

RESUMO

Num jasmineiro florido, alegre e perfumado, um canario amarelo e feiticeiro tecera o seu ninho. Nenê que o percebera, correrá por sobre os canteiros para retiral-o de lá. O jardineiro zangara-se porque ella pisara as malvas viçosas e, naturalmente, lhe manifestara o seu descontentamento. Mas a criança, com a innocencia propria da sua idade, falara-lhe assim, com muita meiguice: "Eu tiro-o já e levo-o depressa para beira do caminho. Quando o passarinho voltar, dize-lhe que lhe mudei o bello ninho para a sombra daquella trepadeira."

Qual seria o intuito da menina, mudando de logar o ninho?

(O professor poderá lembrar que ninguem deve maltratar os ninhos, porque é nelles que está o encanto e alegria dos passarinhos.)

ORTHOGRAPHIA

As duas harpas

(Fabula)

Repousavam ambas em casa de um artista: uma era simples, modesta, enquanto a outra

apresentava um aspecto deslumbrante, a todos atraindo por suas bellissimas esculpturas.

"Todos me desprezam, murmurou a harpa modesta! Diante de ti todos se extasiavam, e com razão, porque eu sou humilde e pobre, ao passo que tu és de uma belleza incontestavel!"

O artista ouvira tudo quanto ella dissera, e, approximando-se, fel-a vibrar com melodia. Aquelles que admiravam a harpa bellissima, abandonaram-na a um canto da sala, e se reuniram em torno da harpa humilde para ouvir-lhe as suaves melodias.

SIGNIFICAÇÃO DE PALAVRAS E EXPRESSÕES

fabula — pequena narrativa, conto, apologo, encerrando uma lição de moral em que se fazem intervir pessoas ou animaes irrationaes personificados e mesmo as cousas inanimadas.

esculpturas — enfeites, ornamentos, ornatos feitos na madeira ou noutra materia dura.

extasiar-se — encantar-se, admirar-se profundamente.

belleza incontestavel — belleza sobre a qual não ha duvidas, porque todos a consideram como tal, ninguem contesta.

fel-a vibrar com melodia — d'ella tirou uns sons muito agradaveis ao ouvido, suaves.

EXPLICACOES

1. *As idéas*: Que differença ha entre um artista e um arteiro? Que é uma harpa? Que lição de moral nos dá esta fabula? (A harpa simples podemos comparar ao pobre e a outra ao rico. Conclusão: O pobre, com suas roupas humildes, andrajosas mesmo algumas vezes, pode ter um coração não menos nobre que o rico e não menos capaz de vibrar ao contacto de idéas generosas.)

2. *Vocabulario: Familia de palavras: Fabula*, fabular, fabulario, fabulista, fabulizar, fabuloso, fabulosamente...

Esculptura, escultor, esculpir, esculptural...

EXERCICIO DE REDACÇÃO

Que pretendeis fazer no proximo domingo?

Plano — Convite de um amigo. Tendes o maior gosto em acceital-o, pois vossos paes consentem. Imaginae as horas que ireis passar em casa de vosso amigo (palestra animada, o almoço, distracções diversas, passeio á tarde, agradecimentos, separação). Retribuição do convite.

DESENVOLVIMENTO

Não caibo em mim de contente: obtive finalmente o consentimento de meus paes para ir no domingo á casa de meu amigo Ricardo.

E' pena que faltem ainda dous dias. Isso não impede, no emtanto, que eu vá fazendo meus projectos.

Irei o mais cedo possivel para conversarmos bastante, conforme o Ricardo me pediu. Levarei a minha collecção de sellos e apreciarei as suas moedas de que tanto me fala sempre.

A' hora do almoço mostrar-me-ei um menino

bem educado, e estou certo de que a mamãe não se envergonhará das minhas maneiras.

Depois, o pae de Ricardo cumprirá a sua promessa e acompanhar-nos-á a passeio, divertindo-nos com as suas instructivas narrações.

De volta, agradeceréi á familia de meu amigo e a elle proprio as horas felizes e alegres que passei em sua casa.

Quando o Ricardo vier á minha casa hei de retribuir-lhe a cortezia.

CLASSE COMPLEMENTAR

Leitura — Felicidade

Felicidade!... E' sonho em que não creio sobre a terra, esse Caeaso pungente! Quem pôde ser feliz se indifferente não pôde ser ao soffrimento alheio?

Amor, gloria, fortuna — o mais luzente destino humano de venturas cheio! que valem se nos chega o extremo aneio de alguém que o fel de um infortunio sente?

Para mim pelo menos não existe essa utopia em que, afinal, consiste a esperança que a muitos revigora!...

Não pôde crer que exista essa ventura quem partilha o pezar que a outros tortura, quem padece o pezar que a outros devora!

(Do livro "Alguns sonetos".)

DOMINGOS MAGARIÑOS.

PALAVRAS QUE DEVEM SER EXPLICADAS

aneio — afflicção.
utopia — plano ou cousa irrealizavel.
revigora — anima.
tortura — atormenta.

RESUMO

O amor, a gloria, a fortuna não podem constituir felicidade para aquelles que não passem indifferentes aos soffrimentos alheios. De nada valem se nos sentimos afflictos por vermos que alguém padece as agruras da sorte. O poeta affirma que a felicidade é uma utopia, cousa que não existe sobre a terra, e, entretanto, é a esperança de muitos, a quem anima e enthusiasma. Para aquelles, porém, que soffrem com os que soffrem, que fazem suas as dôres do proximo, não ha de certo felicidade, porque os momentos de infortunio se multiplicam a todo instante.

ORTHOGRAPHIA

A esperança

Ha esperar, e esperar: este verbo é um só para exprimir duas acções, que se não confundem. Mas derivam-se delle dous substan-

tivos differentes, cada um dos quaes tem o seu sentido preciso e inconfundivel. Esperança não é espera: não é qualquer expectativa, ansiosa ou fria, apaixonada ou indifferente... Assim, o condemnado á morte, na sua cella, durante a noite de insomnia e terror, que precede a funesta alvorada, ou ainda, no momento em que ouve os passos do carrasco, que o vem buscar — está á espera da morte; mas não é essa a sua esperança: a sua esperança é a graça que o venha salvar; é o perdão que o venha, á ultima hora, libertar; é um cataclisma qualquer, que, subvertendo a ordem natural das cousas, venha impedir, ou, pelo menos, adiar o supplicio, — é, emfim, a esperança da vida.

OLAVO BILAC.

sentido preciso — significação, accepção exacta.
expectativa — probabilidade de alcançar qualquer cousa.

carrasco — algoz, executor da pena de morte.
cataclisma — formidavel abalo.
subvertendo — mudando.

REDACÇÃO

A velha mangueira de minha chacara

(Referi-vos á arvore que mais apreciaes. Dizei os sentimentos que ella vos inspira).

Como te amo verde e frondosa arvore que acolhes á tua sombra os meus folguedos de criança! que prazer immenso sinto ao contemplar-te da janella do meu quarto, mal desponta a manhã! Bom dia! dizem-te os meus olhos carinhosos, bom dia, velha amiga, sempre silenciosa e indulgente! Bom dia! D'aqui a instantes estarei debaixo do teu doce de folhas, recordando as minhas lições e reprimindo a custo a vontade de acompanhar o vôo dos passarinhos que pulam de galho em galho, irrequietos, livres, tão felizes! Como eu queria ser um delles, como eu queria beijar-te as folhas verdes e contar aos teus ramos o immenso affecto que te consagro!

Tudo isso penso em rapidos momentos, mas vejo-te sempre tão calma, correspondendo tão sobriamente a estas expansões, que me contendo, volvo os olhos para o livro e estudo.

Mas, ao voltar do collegio, que festa em volta de teu tronco robusto! Que de brinquedos, que de gritos, que de alvorocos com os meus irmãozinhos sob a tua frescura e a tua bondade!

E, á tarde, quando a familia se reúne no banco que te circumda, como me parece lindo o crepusculo e com que saudades me despeço do dia que vae morrendo!

Em ti tudo me atráe; em ti tudo observo. Contemplo as tuas flores, trago contados os teus fructos, acompanho-lhes o desenvolvimento até a maturidade. Nem uma pedra vil offendeu ainda a tua dignidade de rainha da chacara! Nem um braço perverso foi ainda arrancar aos teus galhos os ninhos que ahí balouçam ao sopro do vento! E' que, velha mangueira da minha chacara, eu te amo e venero! E' que, ó arvore, eu te quero ver sempre na gloria de teus fructos sazonados, na alegria dos ninhos canoros, fonte de vida, abrigo do amor!

ENSINO SCIENTIFICO

ARITHMETICA

CLASSE ELEMENTAR

SEGUNDO ANNO

PROBLEMAS

I) Um alfaiate vendeu um paletot por 68\$000, um par de calças por 25\$000 e um colete por 14\$000; quanto recebeu?

Solução

Quantia que o alfaiate recebeu:
 $68\$000 + 25\$000 + 14\$000 = 107\000

II) Em uma pipa havia 374 litros de aguardente; tendo-se tirado 155 litros, quantos ficaram?

Solução

N.º de litros que ficaram na pipa:
 $374 - 155 = 219$ litros.

Solução

III) Comprei 8 laranjeiras por 56\$000, 5 mangueiras por 45\$000 e 2 jaboticabeiras por 24\$000. 1.º Quantas arvores comprei? 2.º Quanto gastei nesta compra? 3.º Qual o preço de cada uma das arvores citadas?

Solução

N.º de arvores compradas:
8 arvores + 5 arvores + 2 arvores = 15 arvores.
Quantia gasta na compra das arvores:
 $56\$000 + 45\$000 + 24\$000 = 125\000 .
Preço de uma laranjeira:
 $56\$000 \div 8 = 7\000 .
Preço de uma mangueira:
 $45\$000 \div 5 = 9\000 .
Preço de uma jaboticabeira:
 $24\$000 \div 2 = 12\000 .

IV) Uma peça de fazenda tinha 68 metros. Vendem-se da 1.ª vez 17 metros, da 2.ª vez 23 metros e da 3.ª vez 9 metros. Quantos metros tem o resto da peça?

Solução

N.º de metros vendidos:
 $17^m + 23^m + 9^m = 49$ metros.
N.º de metros restantes:
 $68^m - 49^m = 19$ metros.

V) Um menino recebeu de premio uma caderneta da Caixa Economica com 50\$000, juntou-lhe 16\$000 que possuia no cofre, mas dias depois teve necessidade de retirar a terça parte; quanto ficou tendo na caderneta?

Solução

Importancia lançada na caderneta:
 $50\$000 + 16\$000 = 66\$000$.
Quantia retirada:
 $66\$000 \div 3 = 22\000 .
Saldo da caderneta:
 $66\$000 - 22\$000 = 44\$000$.

VI) Um sofá e 4 cadeiras custam juntos 106\$000. Cada cadeira custa 9\$000. Qual o preço do sofá?

Solução

Preço das 4 cadeiras:
 $9\$000 \times 4 = 36\000 .
Preço do sofá:
 $106\$000 - 36\$000 = 70\$000$

VII) Um fazendeiro colheu 104 saccas de café; dá de presente a um amigo 8 saccas e guarda outras tantas para si. Quantas saccas de café poderá vender?

Solução

N.º de saccas que o fazendeiro não vende:
 $8 \text{ saccas} \times 2 = 16 \text{ saccas}$.
N.º de saccas de café destinadas á venda:
 $104 \text{ saccas} - 16 \text{ saccas} = 88 \text{ saccas}$.

VIII) Um negociante tinha em caixa 817\$: pagou uma factura de 354\$ e outra de 95\$. Quanto tem ainda em caixa?

Solução

Importe das duas facturás pagas:
 $354\$ + 95\$ = 449\$$.
Quantia em caixa, realizados os pagamentos:
 $817\$ - 449\$ = 368\$$.

IX) Uma pessoa compra 20 metros de 1\$600 o metro e paga com uma cedula de 50\$000. receberá de troco?

Solução

Valor dos 20 metros de renda:
 $1\$600 \times 20 = 32\000 .
Valor do troco a receber:
 $50\$000 - 32\$000 = 18\$000$.

X) Um commerciante compra uma mercadoria por 238\$000 e quer vendel-a ganhando 32\$000. Por que preço venderá a mercadoria?

Solução

Preço da venda:
 $238\$000 + 32\$000 = 270\$000$

XI) Cinco peças de fita custaram 14\$000. Por quanto se ha de vender a peça para ter-se o lucro de 2\$000?

Solução

Preço da venda de todas as peças de fita:
 $14\$000 + 2\$000 = 16\$000$.
Preço da venda de uma peça de fita:
 $16\$000 \div 5 = 3\200 .

XII) Uma senhora compra 3 grozas de violetas artificiaes a \$900 a duzia e vende-as todas por 50\$000. Qual o lucro?

Solução

N.º de duzias em 3 grozas:
 $12 \text{ duzias} \times 3 = 36 \text{ duzias}$.
Preço da compra das violetas:
 $\$900 \times 36 = 32\400 .
Valor do lucro obtido:
 $50\$000 - 32\$400 = 17\$600$.

XIII) Meu tio comprou 80 vasos a 1\$300 cada um e vendeu-os com lucro de \$200 em cada um. Quanto recebeu ao todo?

Solução

Preço da venda de um vaso:
 $1\$300 + \$200 = 1\$500$.
Quantia recebida pela venda dos vasos:
 $1\$500 \times 80 = 120\000 .

XIV) Paguei por uma caixa de xarão 85\$000; notando-lhe depois um defeito, vendi-a com prejuizo de 17\$000. Dizer por quanto vendi a caixa.

Solução

Preço por que foi vendida a caixa:
 $85\$000 - 17\$000 = 68\$000$.

XV) Um barril contendo 140 litros de vinho custou 210\$000 e foi depois vendido com prejuizo de \$300 por litro. Calcular o preço da venda de um litro de vinho.

Solução

Preço do custo de um litro de vinho :
 $210\$000 \div 140 = 1\$500.$
 Preço da venda de um litro de vinho :
 $1\$500 - \$300 = 1\$200.$

XVI) Um lote de 70 brinquedos importou em 96\$500 e depois foi vendido á razão de 1\$200 cada brinquedo. Qual o prejuizo ?

Solução

Quantia recebida na venda dos brinquedos :
 $1\$200 \times 70 = 84\$000.$
 Valor do prejuizo :
 $96\$500 - 84\$000 = 12\$500.$

XVII) Um terreno medindo 60^m de frente foi vendido á razão de 540\$ o metro, occasionando ao proprio um prejuizo de 2.600\$. Por que preço tinha o terreno ?

Solução

Preço por que foi vendido o terreno :
 $540\$ \times 60 = 32.400\$.$
 Preço da avaliação do terreno :
 $32.400\$ + 2.600\$ = 35.000\$.$

XVIII) Um individuo oferece uma peça de panno de 30 metros, avaliado a \$760 o metro, contra 9 metros de linho avaliado em 2\$700 o metro. Quanto deve pagar a mais ?

Solução

Valor da peça de panno :
 $\$760 \times 30 = 22\$800.$
 Valor dos 9 metros de linho :
 $2\$700 \times 9 = 24\$300.$
 Diferença a pagar :
 $24\$300 - 22\$800 = 1\$500.$

CLASSE MEDIA

PRIMEIRO ANNO

PROBLEMAS

I) Um operario ganha 3\$500 diários e descança no domingo. Qual deve ser a sua despeza diaria, suppondo que economiza a quarta parte do seu salario ?

Solução

Quantia ganha nos 6 dias uteis da semana :
 $3\$500 \times 6 = 21\$000.$
 Economia em uma semana :
 $21\$000 \div 4 = 5\$250.$
 Quantia destinada aos gastos :
 $21\$000 - 5\$250 = 15\$750.$
 Despeza diaria :
 $15\$750 \div 7 = 2\$250.$

II) Para um avental de collegial empregam-se 3,80 de brim a 1\$400 o metro e paga-se 2\$500 de feitió e \$880 de aviamentos. Por quanto se ha de vender a duzia de aventaes para obter 15\$600 de lucro ?

Solução

Preço da compra do brim para um avental :
 $1\$400 \times 3,80 = 5\$320.$
 A quanto sae um avental :
 $5\$320 + 2\$500 + \$880 = 8\$700.$
 A quanto sae uma duzia de aventaes :
 $8\$700 \times 12 = 104\$400.$
 Por quanto se ha de vender a duzia de aventaes :
 $104\$400 + 15\$600 = 120\$000.$

III) Um criador de gado compra uma vacca por 435\$000 e gasta diariamente \$600 para alimentá-la. Ao cabo de 110 dias vende-a por 400\$000. Quanto ganhou ou perdeu, sabendo que esta vacca lhe forneceu, em media, por dia, 7 litros de leite vendido a \$300 o litro ?

Solução

Despeza com a alimentação da vacca :
 $\$600 \times 110 = 66\$000.$
 Custo da vacca :
 $435\$ + 66\$ = 501\$.$
 N.º de litros de leite em 110 dias :
 $7 \text{ litros} \times 110 = 770 \text{ litros.}$
 Producto da venda do leite :
 $\$300 \times 770 = 231\$000.$
 Quantia recebida :
 $400\$ + 231\$ = 631\$.$
 Beneficio obtido :
 $631\$ - 501\$ = 130\$.$

IV) Um negociante comprou certa quantidade de sabão a \$640 o kilogramma e vendeu-o a varejo á razão de \$380 o meio kilogramma. Sabendo que o lucro foi de 30\$000, pergunta-se qual a quantidade de sabão ?

Solução

Preço da venda de 1 kilogramma :
 $\$380 \times 2 = \$760.$
 Lucro em 1 kilogramma :
 $\$760 - \$640 = \$120.$
 N.º de kilogrammas de sabão :
 $30\$000 \div \$120 = 250 \text{ kilogrammas.}$

V) O director de uma fabrica empregou 184 homens e 95 mulheres, de 1.º de Setembro a 24 de mesmo mez, inclusive, e pagou-lhes 21.660\$.

O 1.º de Setembro foi um sabbado e os operarios tiveram descanço aos domingos e no dia da Festa Nacional. O salario diário era igual para todos os homens bem como para todas as mulheres. Achar o salario diario de um homem e o de uma mulher, sabendo que a somma destes dous salarios era 7\$550.

RACIOCÍNIO

Os dias de descanço foram : 2, 7, 9, 16 e 23 de Setembro ; ao todo 5 dias.
 Ora, de 1 a 24 inclusive, decorrem 24 dias ; logo os dias de trabalho foram :

$24d - 5d = 19 \text{ dias.}$

Dividindo a importancia total do pagamento pelo numero de dias de trabalho, saberemos a despeza diaria para o pagamento de todos os operarios (homens e mulheres) :

$21.660\$ \div 19 = 1140\$.$

Multiplicando 7\$550 (somma do salario diario de um homem e do salario diario de uma mulher) pelo numero de mulheres (95), obteremos a importancia paga diariamente ás mulheres e a igual numero de homens :

$7\$550 \times 95 = 717\$250.$

A diferença entre o pagamento diario de todos os operarios (1140\$) e a ultima quantia obtida (717\$250) representa a somma dos salarios diarios dos homens em n.º excedente a 95 (184 - 95) :

$1.140\$000 - 717\$250 = 422\$750.$

D'ahi se deduz que o salario diario de um homem é :

$422\$750 \div 89 = 4\$750.$

E o salario diario de uma mulher é :

$7\$550 - 4\$750 = 2\$800.$

CLASSE MEDIA

SEGUNDO ANNO

PROBLEMAS

I) Um proprietario vendeu $\frac{2}{5}$ da sua colheita de vinho a 40\$ o hectolitro ; $\frac{1}{3}$ da mesma a 35\$ o hectolitro e finalmente os 25 hectolitros restantes a 30\$ o hectolitro. Que quantia recebeu desta colheita ?

Solução

$\frac{2}{5} + \frac{1}{3} = \frac{6}{15} + \frac{5}{15} = \frac{11}{15}$

$1 - \frac{11}{15} = \frac{4}{15}$

$\frac{4}{15} \dots\dots 25 \text{ hectolitros.}$

$\frac{2}{5} \text{ ou } \frac{6}{15} \dots\dots \frac{25\text{H}^2 \times 6}{4} = \frac{75\text{H}^2}{2} = 37\text{H}^2,5.$

$\frac{1}{3} \text{ ou } \frac{5}{15} \dots\dots \frac{25\text{H}^2 \times 5}{4} = \frac{125\text{H}^2}{4} = 31\text{H}^2,25.$

$40\$ \times 37,5 = 1.500\$$
 $35\$ \times 31,25 = 1.093\750
 $30\$ \times 25 = 750\$$

Somma 3.343\$750

II) Um campo de 3 Ha 8 a 25 ca. do valor de 3.600\$ o hectario, foi trocado por outro de forma rectangular cujo comprimento é de 342,50 e valendo 5.400\$ o hectario. Qual a largura deste campo ?

Solução

$3 \text{ Ha } 8 \text{ a } 25 \text{ ca} = 3\text{Ha},0825.$
 $3.600\$ \times 3,0825 = 11.097\$.$
 $11.097\$ \div 5.400\$ = 2\text{Ha},0550.$
 $2\text{Ha},0550 = 20550 \text{ metros quadrados}$
 $20550\text{m}^2 \div 342,50 = 60\text{m}.$

RESPOSTA

A largura do segundo campo é de 60m.

III) Uma garrafa de $\frac{3}{4}$ de litro contem até $\frac{2}{3}$ um licor que vale 150\$ o decalitro. Quanto vale o licor contido na garrafa ?

Solução

$\frac{2}{3} \text{ de } \frac{3^1}{4} = \frac{1}{2} \text{ litro.}$

$1\text{d}^1 \text{ ou } 1\text{l}^1 \dots\dots 150\$$

$1^1 \dots\dots \frac{150\$}{10} = 15\$$

$\frac{1}{2} \text{ litro} \dots\dots 15\$ \div 2 = 7\$500.$

RESPOSTA — O licor contido na garrafa vale 7\$500.

IV) Um jardim rectangular tem 45^m de comprimento sobre 28,10 de largura. No interior deste jardim, acompanhando o contorno, ha uma rua de 1,20 de largura sobre a qual se espalhou uma camada de areia de 0,05 de espessura. Calcular o volume da areia.

Solução

Consideraremos 4 ruas, sendo duas no sentido do comprimento e duas no da largura.

A area das primeiras será :
 $(45\text{m} \times 1,20) \times 2 = 54\text{m}^2 \times 2 = 108\text{m}^2.$

A area das segundas será :
 $\{(28,10 - 1,20 \times 2) \times 1,20\} \times 2 =$

$= \{(28,10 - 2,40) \times 1,20\} \times 2 =$

$= (25,70 \times 1,20) \times 2 = 30,84 \times 2 = 61,68.$

A area das quatro ruas será :
 $108\text{m}^2 + 61,68 = 169,68.$

Logo o volume da areia vem a ser :
 $169,68 \times 0,05 = 8,484$

ou melhor : $8 \frac{1}{2}$ metros cubicos.

CLASSE COMPLEMENTAR

PROBLEMAS

I) Qual a quantia que se ha de depositar a 5 % para ter no fim de um anno, capital e juros, com que comprar 276 hectolitros de trigo, sabendo que um hectolitro de trigo pesa 76 kilogrammas e um quintal de trigo vale 35\$?

Solução

$1\text{H}^1 \text{ trigo} \dots\dots 76 \text{ kilogrammas}$
 $276\text{H}^1 \text{ trigo} \dots\dots 76\text{H}^1 \times 276 = 20976 \text{ kilogrammas.}$

$20976\text{hg} \div 100\text{hg} = 209,76 \text{ quintaes}$
 $1 \text{ quintal} \dots\dots 35\$$
 $209,76 \times 35 = 7.341\600

$105\$ \dots\dots 100\$$
 $7.341\$600 \dots\dots x$

$x = \frac{100\$ \times 7341,6}{105} = \frac{734160\$}{105} = 6.992\$.$

II) Uma herança se compõe: 1.º de uma casa cujos $\frac{7}{9}$ são avaliados em 14.126\$; 2.º de um campo da forma de um trapezio, cujas bases medem 140^m e 120^m e a altura 198^m, avaliado em 6.500\$ o hectario ; 3.º de uma quantia que a 5 % rende annualmente 505\$350. Esta fortuna é repartida entre tres herdeiros em proporção das idades, segundo reza o testamento. O primeiro tem 15 annos, o segundo 10 annos e o terceiro 5 annos. Qual a parte de cada um ?

Solução

Valor da casa :

$\frac{7}{9} \dots\dots 14.126\$$

$\frac{9}{9} \dots\dots \frac{14.126\$ \times 9}{7} = 18.162\$$

Valor do campo, calculando-se primeiramente a sua area :

NOTA — A area de um trapezio é igual ao producto da semi-somma das bases pela altura ; d'onde a area do campo vem a ser :

$$\frac{140^m + 120^m}{2} \times 198^m = 130^m \times 198^m = 25740^m^2 = 2ha,5740$$

1HA 6:500\$
2,5740 6:500\$ × 2,574 = 16:731\$

Valor da quantia posta a juros :

5\$ 100\$
505\$350 C

$$C = \frac{100\$ \times 505,35}{5} = \frac{50:535\$}{5} = 10:107\$$$

Valor da fortuna :

$$18:162\$ + 16:731\$ + 10:107\$ = 45:000\$$$

Partilha proporcional ás idades :

Somma das idades — 15+10+5=30

30 annos 45:000\$

1.º herdeiro — 15 annos $\frac{45:000\$ \times 15}{30} = 22:500\$$

2.º herdeiro — 10 annos $\frac{45:000\$ \times 10}{30} = 15:000\$$

3.º herdeiro — 5 annos $\frac{45:000\$ \times 5}{30} = 7:500\$$

III) Em um pateo de forma triangular espalhou-se uma camada de areia de 0,004 de espessura, custando metro cubico 4\$500. A despeza elevou-se a 18\$225. Calcular a base e a altura do triangulo, sabendo que a

base é $\frac{2}{5}$ da altura.

Solução

Volume da areia :

$$18\$225 \div 4\$500 = 4,1^m050.$$

Area do pateo :

$$4,1^m050 \div 0,004 = 101,1^m25.$$

NOTA — A area de um triangulo representa metade do producto da base pela altura, isto é,

$$101,1^m25 = \frac{\text{base} \times \text{altura}}{2} \text{ ou } \frac{B \times H}{2}$$

Ora, como a base é $\frac{2}{5}$ da altura, vem :

$$101,1^m25 = \frac{2 \times \text{altura} \times \text{altura}}{5 \times 2} \text{ ou } \frac{2 \times H \times H}{5 \times 2} = \frac{H^2}{5}$$

D'onde : $H^2 = 101,1^m25 \times 5 = 506,1^m25$

$$H = \sqrt{506,1^m25} = 22,1^m5.$$

$$B = \frac{2}{5} H = \frac{2 \times 22,1^m5}{5} = 9 \text{ metros}$$

RESPOSTA — A base mede 9 metros e a altura 22,15.

IV) Para ladrilhar um terraço de forma quadrada, empregaram-se 400 ladrilhos quadrados de 0,18 de lado e 1000 ladrilhos hexagonaes sendo a lado igual ao lado dos ladrilhos quadrados e medindo o apothema 0,156. Calcular o lado do terraço com approximação até centímetros.

Solução

Area de um ladrilho quadrado :

NOTA — Obtem-se a area de um quadrado, multiplicando o lado por si mesmo.

$$0,18 \times 0,18 = 0,0324.$$

Area de um ladrilho hexagonal :

NOTA — Obtem-se a area de um polygono regular, multiplicando-se o semi-perimetro pelo apothema.

$$\frac{0,18 \times 6}{2} \times 0,156 = 0,156 \times 0,54 = 0,084240.$$

Superficie occupada pelos ladrilhos quadrados :

$$0,0324 \times 400 = 12,96.$$

Superficie occupada pelos ladrilhos hexagonaes :

$$0,084240 \times 1000 = 84,24.$$

Area do terraço :

$$12,96 + 84,24 = 97,20.$$

Lado do terraço :

$$\sqrt{97,20} = 9,85.$$

V) Uma pessoa possui duas letras, uma a vender-se d'ahi a 2 mezes e outra d'ahi a 45 dias; ambas são descontadas a 6 %. A somma dos valores nominaes é 17:000\$ e a somma dos descontos é 15\$. Qual o valor actual de cada letra? (Trata-se de desconto por fóra).

Solução

Somma dos valores actuaes :

$$17:000\$ - 15\$ = 16:842\$.$$

Somma dos dias :

$$60 \text{ dias} + 45 \text{ dias} = 105 \text{ dias.}$$

Valor actual da 1.a letra :

105 dias 16:842\$
60 dias x

d'onde

$$x = \frac{16:842\$ \times 60}{105} = \frac{1:010:520\$}{105} = 9:624\$$$

Valor actual da 2.a letra :

105 dias 16:842\$
45 dias x

d'onde

$$x = \frac{16:842\$ \times 45}{105} = \frac{757:890\$}{105} = 7:218\$$$

QUESTÕES PRATICAS

I

$$\left(5 \frac{4}{9} + \frac{11}{3} \times \frac{2}{5} - \frac{4}{1} \frac{1}{3} \right) \div \sqrt{3136} =$$

$$= \left(\frac{49}{9} + \frac{11}{44} \times \frac{2}{13} - \frac{3}{6} \right) \div 56 =$$

$$= \left(\frac{49}{9} + \frac{11 \times 13 \times 2}{44 \times 13} - \frac{13 \times 5}{3 \times 6} \right) \div 56 =$$

$$= \left(\frac{98}{18} + \frac{9}{18} - \frac{65}{18} \right) \div 56 =$$

$$= \left(\frac{107}{18} - \frac{65}{18} \right) \div 56 = \frac{42}{18} \div 56 =$$

$$= \frac{7}{3} \div 56 = \frac{7}{3 \times 56} = \frac{1}{3 \times 8} = \frac{1}{24}$$

II

$$\left(7 \frac{3}{5} \times \frac{14}{19} - 3,6 - 3 \frac{47}{80} \right)^2 =$$

$$= \left(\frac{38}{5} \times \frac{14}{19} - 0,6 - \frac{47}{80} \right)^2 =$$

$$= \left(\frac{38 \times 9}{5 \times 14} \times \frac{14}{19 \times 0,45} - \frac{48 - 47}{80} \right)^2 =$$

$$= \left(\frac{2 \times 1 \times 1}{5 \times 1 \times 1 \times 0,05} \times \frac{1}{80} \right)^2 =$$

$$= \left(\frac{2 \times 1 \times 3}{0,25 \times 80 \times 5} \right)^2 =$$

$$= \left(\frac{3}{50} \right)^2 = \frac{9}{2500} = 0,0036.$$

III

$$2,3 - \left(\frac{17}{5} \div 2 \right) + \frac{18}{11} - 0,15 \times 10$$

$$= 11 \left(\frac{4}{9} - \frac{1}{6} \right) \div 100 \times \frac{0,88...}{1,8} \times 3$$

$$\frac{4}{15} + \frac{2}{3} - \frac{1}{5}$$

$$\frac{11}{12} - \frac{9}{16} + \frac{19}{24}$$

$$2,3 - \frac{17}{10} + \frac{18}{11} - 1,5$$

$$11 \left(\frac{8}{18} - \frac{3}{18} \right) \div \frac{88,88...}{1,8} \times 3$$

$$\frac{4}{15} + \frac{10}{15} - \frac{3}{15}$$

$$\frac{44}{48} - \frac{27}{48} + \frac{38}{48}$$

$$\frac{18 - 16,5}{11}$$

$$11 \times \frac{5}{18} - \frac{88}{9} + 0,6$$

$$\frac{11}{15} - \frac{55}{48}$$

$$\frac{0,6}{55} \div \frac{11}{800}$$

$$\frac{18}{18} - \frac{9}{9} + 0,6$$

$$= \frac{11 \times 48}{15 \times 55}$$

$$\frac{0,6 \times 18}{55} \div \frac{11}{800}$$

$$= \frac{1 \times 16}{5 \times 5}$$

$$\frac{10,8}{55} \div \frac{1,5 \times 5,4}{11 \times 800} =$$

$$\frac{16}{25}$$

$$\frac{10,8 \times 11 \times 800}{55 \times 1,5 \times 5,4} =$$

$$\frac{16}{25}$$

$$\frac{2 \times 1 \times 800 \times 25}{5 \times 1,5 \times 1 \times 16} = \frac{2 \times 50 \times 1}{0,3 \times 1} =$$

$$\frac{100}{0,3} = 333,333...$$

IV

$$\frac{2}{9} \text{ de } \left(\frac{8}{15} + 1 + \frac{1}{6} + 3 + \frac{17}{20} \right) \div \frac{7 - 5}{6} \div 80 \times 0,044... =$$

$$\left(0,11 + \frac{19}{30} - 0,0766... \right) 8$$

$$\frac{2}{9} \text{ de } \left(\frac{8}{15} + \frac{7}{6} + \frac{77}{20} \right) \div \frac{37}{6} \div 8 \times 0,44... =$$

$$\left(\frac{11}{100} + \frac{19}{30} - \frac{76 - 7}{900} \right) 8$$

$$\frac{2}{9} \times \left(\frac{32}{60} + \frac{70}{60} + \frac{231}{60} \right) \div \frac{37}{6} \div 8 \times \frac{4}{9} =$$

$$\left(\frac{99}{900} + \frac{570}{900} - \frac{69}{900} \right) 8$$

$$\frac{2}{9} \times \frac{333}{60} \div \frac{37}{9} = \frac{2}{9} \times \frac{333}{60} \div \frac{37 \times 9}{6 \times 32} =$$

$$\left(\frac{669}{900} - \frac{69}{900} \right) 8 = \frac{2}{9} \times \frac{600}{900} \times 8$$

$$\frac{2 \times 333 \times 6 \times 32}{9 \times 60 \times 37 \times 9} =$$

$$\frac{2}{3} \times 8$$

$$\frac{1 \times 37 \times 2 \times 32}{1 \times 30 \times 37 \times 3} = \frac{1 \times 1 \times 32 \times 3}{15 \times 1 \times 3 \times 16}$$

$$\frac{16}{8}$$

$$\frac{2}{15}$$

LÉONIE DE F. ANGLADA.

PHYSICA

CURSO MEDIO

Som

1º anno

Recordando e desenvolvendo conhecimentos já ministrados aos alumnos em outras lições, indague o mestre si o som, do mesmo modo que a luz, transmite-se no vazio.

— Não, senhor.

— Perfeitamente. O som não se propaga no vacuo; é necessario alguma cousa que o traga até nossos ouvidos, e esse meio é, sem duvida, o ar atmospherico.

Mas, será só no ar que a luz se propaga?

Vejamos. Mande o professor que o alumno colloque o ouvido sobre uma das extremidades da mesa e attrite levemente com o dedo a outra extremidade.

— Que percebeu?

— Ouvi um ruido, responderá de certo a criança.

Applicando o ouvido sobre o sólo ouviremos, ao longe, o galope de um cavallo e mesmo os passos de um viajante. Isto prova que o som tambem se propaga...

— No chão.

— Sim, na madeira, na terra, etc., isto é, nos solidos.

Não sómente nos gázes e solidos se propaga o som, mas ainda nos liquidos. Os mergulhadores ouvem o que se diz fóra d'agua, e isto é uma prova da propagação do som nos liquidos.

— Diga-me, Durval, em que corpos se propaga o som?

— Nos solidos, liquidos e gázes.

— E propagar-se-á tambem no vazio?

— Não, senhor.

— Anfrizio, já observou nos dias de tempestade o trovão?

— Sim, senhor.

— Sabe que é o trovão?

E' a detonação violenta que se ouve em seguida ao relampago. E' devido ao afastamento violento das camadas do ar e dos vapores d'agua na passagem da fásca electrica. Relampago e trovão se produzem ao mesmo tempo, no

entanto, ha um que se percebe primeiro. Qual será?

— A luz, o relampago...

Muito bem. Não se ouve o ruido senão algum tempo depois que se viu a luz, ainda que relampago e trovão se produzam ao mesmo tempo.

Decorre, pois, um certo tempo entre a produção do som e a sua chegada ao ouvido.

O espaço que elle percorre em um segundo, chama-se *velocidade do som*.

— Jarbas, diga-me uma cousa: quando você joga uma bola de borracha de encontro á parede, que succede?

— A bola volta.

Sim. Depois de bater na parede a bola volta pa a traz.

Pois bem, o que se dá com a bola de borra ha, succede tambem com o som. Quando um corpo vibra, transmite seu movimento ao ar; este, sendo elastico, si encontrar um obstaculo, volta como a bola de borracha.

A este phenomeno chamamos *reflexão do som*.

— Vitalino, você nunca teve occasião de se divertir a dar gritos em um corredor longo?

— Sim, senhor. Muitas vezes, ouvia os gritos que eu dava.

— Vejamos porque acontece isso. Quando você dava o grito, este propagava-se no ar, mas encontrando um obstaculo, que ali é a parede do fundo, reflectia-se, isto é, voltava para traz.

A isso se chama *echo*.

Mas... dirão vocês, nas salas de aula, em nossas casas, tambem ha paredes e, no entanto, nem sempre ha *echo*.

Perfeitamente. E' porque ha condições especiaes para haver *echo*.

Para que se repita uma syllaba da palavra pronunciada é preciso que o obstaculo esteja á distancia de 34^m, para duas, que esteja a 68^m e para tres, a 102^m, e assim por diante.

A's vezes, porém, o obstaculo está a uma distancia menor que 34^m e, então, o som reflectido junta-se ao som directo, tornando-o mais intenso. A isso chamamos *resonancia*.

CURSO COMPLEMENTAR

2º anno

O telephonio (*)

Muitas vezes têm vocês tido occasião de receber ou de transmitir no telephone recados, ordens urgentes, e, no entanto, talvez não soubessem que é elle uma das mais bellas applicações das correntes electricas.

Seu emprego é muito mais vantajoso que o do telegrapho, não só porque está ao alcance de todos, como tambem por ser mais barata a instalação de uma estação telephonica.

(*) Orthographia de accordo com o Vocabulario Ety-mologico, Orthographico e Prosodico, de Ramiz Galvão

Inventado ha pouco mais de duzentos annos, pelo physico Roberto Hooek, consistia o telephonio, na sua fôrma primitiva, em um cordão distendido entre duas membranas, o qual transmittia a uma as vibrações que os sons imprimiam na outra. Teve, então, applicação pratica na Universidade de Iena, onde se serviam delle para pedir livros da bibliotheca a uma distancia quasi de 300 metros. Comtudo, o telephonio moderno data de 1877, quando foi feita na America do Norte a primeira experiencia publica numa distancia de duzentos e trinta kilometros aproximadamente.

O telephonio compõe-se: de um apparelho destinado a receber a palavra da pessoa que fala — é o *transmissor*, de um outro que a communica ao ouvido de quem escuta — é o *receptor*, e de um *systema de alarma*. Transmissor e receptor estão ligados por um *fio de linha duplo*.

O systema de alarma funciona graças ao auxilio de um commutador automatico, que é accionado pelo peso do phonio collocado em um gancho, situado ao lado do apparelho.

Quando este não está funcionando, o commutador põe a linha em communicação com a campainha electrica que constitue o *systema de alarma*.

Procure o mestre mostrar por meio de uma estampa ou desenhando no quadro negro que o *transmissor* consta de uma barra magnetica que tem num dos pólos uma bobina, na qual se enrola um fio de cobre coberto de seda.

Não se esqueça o professor de explicar o que é bobina.

As extremidades do fio da bobina do transmissor, depois de formar o fio conductor da *linha*, vem enrolar-se na bobina do receptor. Junto á barra magnetica dos apparelhos ha uma chapa de folha de Flandres, segura somente pelos bordos ao fundo de uma especie de funil.

As palavras pronunciadas junto á chapa do transmissor fazem com que esta vibre, isto é, se approxime e se afaste alternativamente da barra magnetica. Produzem-se, então, nas bobinas, correntes electricas que, transmittidas ao receptor, determinam na chapa do mesmo, vibrações identicas ás da chapa do transmissor. Essas vibrações produzem sons semelhantes aos que foram pronunciados no transmissor e, assim, ouviremos a propria voz da pessoa com que nos communicamos.

CHIMICA

Acidos e saes

Se provarmos o limão, o vinagre, a laranja verde, a manga verde, acharemos um sabor acre, caracteristico, e diremos que o vinagre, o limão, as fructas verdes têm *gosto acido*.

Esse sabor é devido á presença de compostos a que chamamos *acidos*.

Um acido ordinariamente é constituído de oxygenio, hydrogenio e um metalloide, isto é, um corpo simples não metallico. Ha, porém, acidos binarios.

O meio principal que a chimica nos oferece para o reconhecimento dos acidos é o liquido chamado *tintura de tornesol*, ou em francez *tourneol*. E' uma tintura de cor azul, proveniente do reino vegetal, e goza da propriedade de ficar vermelha quando nella se pinga um acido. Usa-se tambem, em logar da tintura, o *papel de tornesol*: é papel filtro que se embebe da tintura, deixando-se depois secçar.

Com o mesmo metalloide se podem formar diversos acidos, conforme a quantidade de oxygenio que entrar na combinaçao.

Assim do *enxofre (sulfur)* se podem obter: o *acido sulfuroso* e o *acido sulfurico*; do *azoto* os acidos *hypoazotoso*, *azotoso*, *azotico*, e *perazotico* ou *hyperazotico*; do *phosphoro* o *hypophosphoroso*, o *phosphoroso*, o *phosphorico*.

Os acidos podem ser corpos solidos, liquidos e gazosos. São numerosissimos e muito empregados. A areia, corpo solido, é o *acido silicico*; o *acido sulfurico* é um corpo liquido; o *acido carbonico* um corpo gazoso. Este ultimo é o que dá o sabor proprio das aguas de Caxambú, Cambuquira, etc., que parecem *espetar* a lingua, segundo dizem as crianças; não contém hydrogenio.

Ha ainda alguns corpos, dotados dos caracteristicos dos acidos, mas que não contém oxygenio. Denominam-se *hydracidos* e o nome particular de cada um tem a terminação *hydrico*: acidos *bromhydrico*, *clorhydrico*, *iodhydrico*, *sulphydrico*, formados respectivamente de hydrogenio com bromo, chloro, iodo, enxofre.

Provenientes dos copos organicos, ha tambem compostos dotados das propriedades dos acidos.

São os *acidos organicos*, geralmente quaternarios, formados de C, O, H e Az. Alguns delles são ternarios. Os mais importantes são: o *acido acetico*, o *acido malico*, o *acido benzoico*, o *citrico*, etc.

Vejamos na lista geral dos acidos os mais conhecidos, por ordem alphabetica. Uns são da 1.^a categoria, isto é, formados por um metalloide; outros são *hydracidos* e outros organicos. Cada uma destas classes, é facil de se reconhecer.

ACIDOS INORGANICOS OU MINERAES — O *acido arsenioso*, a que o povo chama *arsenico*, altamente venenoso, empregado em medicina e pelos dentistas; o *asotico* ou *nitrico*, chamado no commercio, quando impuro, *agua forte*, serve principalmente para atacar os metaes e produz queimaduras horribes; o *borico*, muito empregado em medicina, especialmente para os olhos (agua boricada); o *carbonico*, que se encontra nas aguas ga-

zozas, produz-se nas fermentações, etc., o *chlorhydrico*, ou *muriatico*, muito energico, encontra-se no succo gastrico, tem um cheiro muito irritante, emprega-se em medicina e no commercio; os *phosphoricos*, muito empregados em medicina; o *silicico*, que é a areia commum; o *sulphydrico*, que em um cheiro desagradabilissimo de ovos podres; o *sulfuroso*, que se emprega em desinfecções, e o *sulfurico*, que é o acido mineral mais empregado. O acido sulfurico serve nos laboratorios chimicos para preparar e para reconhecer muitos corpos; na industria chimica, na producção do frio artificial e em muitos outros casos é necessario; o consumo do acido sulfurico é enorme. E' muito caustico e as suas queimaduras destroem os tecidos; seu nome popular é *vitriolo*.

ACIDOS ORGANICOS — O *acido acetico* é o que dá ao vinagre o seu sabor proprio; o *benzoico*; o *citrico*, que é o principio acido do limão, muito empregado em medicina; o *cyanhydrico* ou *acido prussico*, que é um veneno violentissimo; o *fórmico*, que existe nas formigas; o *gallico*; o *lactico*, que se produz quando o leite fermenta, emprega-se na medicina; o *málico*, encontra-se em grande numero de fructas, tira o seu nome da palavra *malus*, que significa maçã em latim; o *margarico*, o *oleico* e o *stearico*, que se encontram nos corpos gordurosos; o *oxalico*, conhecido pelo nome erroneo de *sal de azedas*, empregado como remedio e para tirar manchas de tinta; o *phenico*, que não é propriamente um acido, mas tem propriedades analgas, serve para desinfecções; o *salicylico*, antiseptico poderoso, muitissimo empregado em medicina; o *tannico*, vulgarmente chamado *tannino*, serve para usos medicinaes, encontra-se em varios fructos e nas cascas de certas arvores, taes como o carvalho, o mangue, o barbatimão, o apertaruão, etc.; o *urico*, que se encontra nas urinas, producto de eliminação do organismo; o *tartarico*, que se encontra na uva.

Os acidos empregam-se em medicina menos sob seu estado natural, puro, do que em composição, formando outros corpos, conforme vamos ver adiante.

*
* *

Os acidos são compostos hydrogenados. Dos compostos oxygenados os menos completos são os *oxydos*, formados unicamente de oxygenio e um outro elemento. Alguns oxydos metallicos podem combinar-se com os acidos, formando corpos novos, que possuem propriedades differentes, e se denominam *saes*.

Os oxydos que são capazes de formar saes chamam-se *bases*. Algumas destas bases, que têm um gosto aproximado de cinza, e são capazes de restituir a cor azul á tintura de tornesol, enrubecida por um acido, chamam-se *alcalinos*, ou bases alcalinas. Os corpos alcalinos mais importantes são o potassio, o sodio e o calcio.

Se juntarmos, pois, um acido e uma base, dar-se-á uma reacção, formando-se um *sal*. A palavra *sal* não tem, portanto, em chimica, a significação que possui na linguagem corrente.

No falar usual, é um determinado sal, o chlorêto de sodio, que tem o nome de *sal*, ou *sal de cosinha*.

Para designar os saes empregamos suffixos e prefixos, que variam conforme o acido de que o sal provém. Assim, o sal derivado do *acido hypophosphoroso* é um *hypophosphito*; do *acido phosphoroso* um *phosphito*; do *phosphorico* um *phosphato*.

Os saes são ordinariamente compostos ternarios, solidos, crystallizados. Alguns dissolvem-se nagua, a quente ou a frio, outros em diversos liquidos.

Ha um grupo de compostos binarios que o equiparam aos saes.

Os saes formam-se pela substituição do hydrogenio do acido por uma base metallica; assim a reacção do *acido nitrico* sobre uma base formada pelo metal *potassio* produz o *nitrato de potassio*, em cuja composição entram o *potassio*, o *oxygenio* e o *azoto*, mas não o hydrogenio. Pode existir um resto de hydrogenio em alguns saes, mas a substituição se dá, total ou parcial. Si, pois, em um *hydracido*, for substituído o hydrogenio por uma base metallica, teremos um composto analogo aos saes: chama-se a esse composto *sal haloide*, e designa-se pela terminação *êto*. Assim, do *acido bromhydrico* se derivam *bromêtos*, do *chlorhydrico*, *chlorêtos*, do *iodhydrico* *iodêtos*, etc.

Os saes mais conhecidos, provenientes de acidos mineraes, são os *bromêtos*, *chlorêtos*, *iodêtos*, *sulfêtos*; *arseniatos*, *azotatos*, *boratos*, *carbonatos*, *chloratos*, *chromatos*, *phosphatos*, *silicatos* e *sulfatos*; *chloritos*, *phosphitos* e *sulfitos*.

A medicina emprega os *brometos de calcio*, de *potassio* e de *sodio* como calmantes do systema nervoso; muitos chlorêtos, entre os quaes dois de *mercurio*, chamados *calomelanos* e *sublimado corrosivo* e o *perchlorêto de ferro*; os *iodetos de potassio*, de *sodio* e de *mercurio*; o *sulfeto de potassio*.

Na cozinha emprega-se o *chlorêto de sodio* para salgar os alimentos.

Na linguagem usual empregam muitas pessoas as designações erroneas de *bromu-*

retos, *chloruretos*, etc., em vez de *brometos*, *chloretos*, etc.

O *arseniato de sodio*, os *hypophosphitos de calcio* e de *sodio* são empregados como reconstituintes.

Dos *azotatos* ou *nitratos*, emprega a medicina o de *prata*, conhecido pelo nome de *pedra infernal* e o de *bismutho*; o de *potassio* é o que vulgarmente denominamos *salitre* ou *nitro* e serve para fabricaçao da polvora e para adubar as terras; o de *sodio* serve para adubo, e é chamado *nitrato do Chile*.

Dos *boratos*, emprega-se principalmente o *biborato de sodio*, chamado *borax*, ou *tinkal*; dos *carbonatos* o *bicarbonato de sodio*, o *carbonato de magnesio*; o *carbonato de calcio* é o que constitue o *giz*, o *marmore*, etc.; o *chlorato de potassio* serve para fazer gargarejos e para pastilhas que se applicam ás molestias da garganta; o *bichromato de potassio* emprega-se em photographia e na construcção de algumas pilhas electricas.

Os *phosphatos de calcio*, *ferro*, *potassio* e *sodio* empregam-se como reconstituintes. Os *silicatos de aluminio* são as argilas.

O *sulfato de calcio* é o *gesso commum*; os *sulfatos de ferro* e de *cobre* são poderosos desinfectantes; o de *magnesio* é o energico purgativo denominado *sal amargo*. O *sulfato de zinco* emprega-se para tratar os olhos. O *sulfato duplo de aluminio e potassio* é o *alumen*, ou *pedra-ume*, substancia muito conhecida, empregada em medicina e em varios usos caseiros.

Os saes mais importantes, derivados de acidos organicos, são: *acetatos*, *benzoatos*, *citratos*, *formiats*, *lactatos*, *margaratos*, *stearatos* e *oleatos*, *salicylats* e *tartratos*, respectivamente formados de acido acetico, benzoico, citrico, formico, lactico, margarico, stearico, oleico, salicylico e tartrico.

A medicina emprega, por exemplo, *acetato de ammonio*, o *benzoato de sodio*; o *citrato de sodio*, o *lactato de mercurio*, o *salicylato de sodio*, etc.

*
* *

Provenientes dos vegetaes e animaes ha corpos, ordinariamente formados de C, O, H e Az, comparaveis ás bases e chamados *alcaloides*.

Os alcaloides combinam-se com os acidos, dando tambem saes.

Existem em varias plantas, geralmente em combinaçao com acidos organicos e a elles devem as plantas venenosas as propriedades que possuem.

Os alcaloides mais importantes são: a *quinina*, extrahida da arvore da quina; a *morphina*, a *codeína* e outros, da papoula; a *cafeína* do café; a *atropina*, da belladona; a *strychnina*, da noz vomica e da fava de Santo Ignacio; a *nicotina*, do fumo; a *conicina*, da cicuta; a *cocaina*, da coca, etc.

Os saes derivados dos alcaloides vegetaes são principalmente *chlorhydratos* (acido chlorhydrico), *bromhydratos*, *sulfatos*, *lactatos*.

Assim, são muito empregados: o *chlorhydrato*, o *bromhydrato* e o *sulfato de quinina*; da *morphina* o *chlorhydrato*; da *strychnina* o *sulfato*; da *cocaina* o *chlorhydrato*, etc.

A extracção dos alcaloides e o preparo dos saes constituem industrias muito importantes, ás quaes fornecem materia prima todas as partes do mundo.

Das florestas da Africa, da Asia, da America, principalmente das nossas mattas do Amazonas e de Matto Grosso vão para a Europa e para os Estados Unidos os nossos vegetaes, e de lá nos vêm os seus principios activos preparados, acondicionados convenientemente e podendo durar então muito tempo.

A industria chimica deve a humanidade enormes serviços. Basta considerar como, por meio della, o impaludado de qualquer parte do mundo pôde ser curado com o quinineo que a natureza escondeu nas cascas de certas arvores da America do Sul, e como a cocaina, existente nas folhas da coca, americana, amortece as dôres em qualquer paiz e a qualquer montento.

E' um thesouro incalculavel que a sciencia humana descobriu, esse de aprisionar em vidros pequenissimos a morte, a saude, o somno, os estimulantes e os calmantes.

S. R.

HISTORIA NATURAL

CLASSE MEDIA

1.º anno

Cultura do arroz

O arroz, cereal que dá abundantemente em todo o Brasil, é uma planta que prefere os climas quentes.

Ha uma grande variedade de qualidades de arroz, como: o Japonês, o Americano e o Franco, que costumamos chamar Carolina, o Iguape, o Agulha, etc.

Os cultivadores, desprezando a classificação scientifica, consideram duas especies de arroz: o *montanhez* e o *aquatico*.

A China e o Japão cultivam o arroz numa profusão extraordinaria; mas é tal o consumo desse cereal em taes paizes, que ainda o importam.

Em Sião, na ilha de Java, na Cochinchina, cultiva-se tambem bastante o arroz. A cultura do arroz atinge, porém, maiores proporções na Carolina, região pertencente aos Estados Unidos da America do Norte, que o exportam em grande escala devido a possuirem os melhores aparelhos e machinas para o preparo dos arrozaes.

O nosso paiz produz muito bem o arroz; não havendo, entretanto, grande produção deste cereal, devido aos processos atrazados que ainda empregamos para sua plantação. Dizem que o arroz produzido no Estado do Pará pôde comparar-se ao da Carolina, que é o mais afamado.

O arroz precisa, para se desenvolver, de uma temperatura elevada. O arroz denominado montanhez não exige tanto calor nem tanta humidade do solo como o aquatico, sendo, porém, este preferivel áquelle.

Prepara-se o terreno destinado á plantação de arroz, nivelando-o até tornal-o, tanto quanto possivel, horizontal. E' preciso que na parte superior do arrozal passe um rego d'agua, vindo de algum riacho ou açude, de modo a que o terreno fique sempre irrigado.

A agua parada ou estagnada não convém, pois torna frio o terreno e é venenosa pelas substancias venenosas que pôde conter em dissolução. O terreno onde se planta o arroz precisa ser dividido em secções para que a agua se vá espalhando aos poucos e não estrague a plantação.

Ha dois methodos para semear o arroz: *directamente* ou *em viveiro*. Quando se tem o terreno bem preparado, é preferivel semeal-o directamente.

Depois que a machina lança as sementes ao sólo, cobre-se o logar semeado com a *grade*, um galho pesado ou um ferro leve; terminado este trabalho, deixa-se entrar a agua.

Quando se semeia em viveiro, assim que as plantas attingem a altura de 0^m,20, mais ou menos, são levadas para o terreno onde devem ficar; faz-se esta mudança muito rapidamente para que as raizes não apanhem ar.

Podem-se plantar duas ou tres raizes no mesmo buraco; feito isto, solta-se logo a agua. Quando as folhas começam a mudar de cor, as espigas vergam e o grão offerce resistencia á penetração da unha, é signal que o arroz chegou á maturidade; então não se deixa mais irrigar o arrozal. Procede-se á ceifa, que pôde ser feita á machina ou á foice; cortam-se as espigas uns 30 centimetros acima da raiz; juntam-se em feixes para depois serem batidas. Nos grandes centros onde se cultiva o arroz, a debulha é feita por meio de machinas electricas, a vapor e, raramente, movidas por animais.

Usa-se ainda, nas pequenas culturas, um pilão ou *monjolo*; as machinas são preferidas, porque deixam o arroz peneirado e descascado. E', em seguida, mettido em saccas ou barricas, para ser consumido.

O arroz é um excellente alimento, embora não tenha grande valor nutritivo.

A maior parte da população da China, Japão, India e Oceania, alimenta-se, quasi que exclusivamente, de arroz.

Cultura do milho

O milho é, como o arroz, um vegetal proprio dos climas quentes e humidos; adapta-se, porém, a qualquer clima.

Nem as chuvas, nem as cerrações prejudicam a plantação deste cereal; só lhe são desfavoráveis as geadas e as seccas.

O clima do Brasil é muito apropriado á cultura do milho, que se reproduz em qualquer dos nossos Estados mais que em outra região do globo.

O milho não exige grande preparo do terreno; é bastante que seja oxydado e fresco — o que se obtem lavrando muito cedo a terra e o mais profundamente que fôr possivel.

Ha grandes variedades de milho cujos grãos podem differir na cor, formato, consistencia, dimensões, etc.

Em geral, consideram-se, porém, duas especies: milhos molles e milhos duros. O primeiro é de cor mais clara, preferido para farinha; o segundo é mais usado para os animais domesticos. No Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul, quasi que se cultiva só o milho molle, que chamam *catelão*; na Europa e na Argentina cultivam o milho duro.

Preparado o terreno, como acima dissemos, fazem-se as covas na profundidade de 3 a 5 centimetros; essas cavidades devem guardar entre si uma distancia de 15 a 25 centimetros e

cada fileira distará 1 metro a 1^m,30 da outra; o numero de sementes que se lançam em cada cova não deve exceder de duas.

Para bem semear é indispensavel o concurso da machina de semear, de que ha grandes variedades: umas são simples auxiliares do arado; outras, á medida que os sulcos se vão abrindo, deixam cair as sementes; emfim, além de muitas outras, ha as mais aperfeiçoadas que marcam a distancia entre as covas e as fileiras, determinam a quantidade de terra que cobre as sementes e deixam cair estas nas covas.

As machinas norte-americanas são, inquestionavelmente, as mais aperfeiçoadas.

Semeia-se o milho desde Agosto até Janeiro.

Desde que o milho começa a florescer, é preciso ter cuidado em cortar todos os pés que forem demais e as hervas damminhas. Tratando-se de uma grande lavoura, esse trabalho deverá ser feito á machina, como existem hoje muitas, cada qual mais aperfeiçoada.

Conhece-se que o milho está perfectamente maduro e prompto para ser colhido quando o caule, as folhas, a palha, estão seccos e o grão duro.

A colheita pôde ser feita a mão, a foice e a machina. Procede-se, em seguida, á debulha (separação dos grãos da espiga) que hoje é tambem feita por machina, sendo antiquada e quasi desusada, a debulha a mão.

Tudo se aproveita deste riquissimo cereal: a palha, empregada como forragem; o sabugo, utilizado como alimento do gado; as flôres são empregadas em medicina; o milho verde, assado ou cozido é um saboroso alimento; da farinha de milho preparam-se saborosos pães, deliciosos biscoutos e bolos.

Do grão extrae-se uma farinha muito fina — a maizena — alimento excellente para as crianças e pessoas fracas; o milho secco constitue a principal alimentação do gado e das aves domesticas.

THEATRO INFANTIL

UMA MOÇA MUITO SIZUDA

(Entra, acabando de comer um doce, e põe-se logo a tagarelar com um arsinho estovado.)

Estou mesmo furiosa!
Sabem que foi que minha prima disse?
Não adivinham?

(Come emquanto fala)

Vejam que tolice:
Chamou-me de gulosa!
Mas que injustiça, santo Deus, tremenda!
Eu gulosa? Antes fosse!
Só porque gosto de comer um doce.
Ou dois, ou tres, ou quatro... na merenda!
Oh! os doces acabam tão depressa!
Suspiros, sonhos... Estão vendo o nome?
Como tres de uma vez? Mas ora essa,
E' porque tenho fome!

Pão ou doces comer é o mesmo quasi...
Creio que foi Maria Antonieta
Que proferiu a phrase...
Como era? Vamos ver...

(Finge lembrar-se)

Não era peta...
E' certo que a rainha
Por ter dito do poyo isso, coitada,
Morreu gilhotinada.
Que é que eu ia dizer? Oh! que memoria, a minha!
Ah! já me lembro agora. Ouçam lá que é francez.
Bem.

(Tosse).

"Ils n'ont pas de pain ? Qu'ils mangent des brioches"

Creio que desta vez
A memoria serviu-me, *sans reproche*...
Aliás, quando é preciso,
Basta-me um só pãozinho doce, quente...
É um chocolate só... Bem se vê, facilmente,
Quanto eu tenho juizo.
Para provar-lhes que não sou gulosa
Direi apenas que não compro um doce.
Mas, si me dão, acceito... E só mesmo si eu fosse
Tola, recusaria... E logo, cuidadosa,
Trato então de evitar que se estrague o presente.
Ha doces mesmo que me causam tedio.
E é por não ser gulosa, justamente,
Que me aborrece vê-los. E o remedio
E' come-los, por certo,
Isso é o melhor, a todos os respeitos...
Eis porque trago aqui tambem, tão perto,
Um cartucho repleto de confeitos.
Que fazem outras que não são gulosas ?
O mesmo ! E o conteúdo do cartucho
Vai pouco a pouco lhes enchendo o bucho.
Confeitos duram o que duram rosas.
Gastar dinheiro em doces ? Mau costume !
Não vê ! Tenho juizo.
E de coisas mais sérias ou preciso:
Rendas e fitas, luvas e perfume.
Serei faceira ? Não, não sou faceira !
Si faço cachos, cuidadosamente,
Si me preparo assim desta maneira,
E' por causa do proximo, sómente,
Porque este pobre proximo, acredito
Que lhe devemos dar este prazer de graça:
Contemplar a elegancia de quem passa,
Um bonito chapéo, um vestido bonito.
E é questão de civismo
Trajar desta maneira:
Nosso patriotismo
Deve a reputação manter da Brasileira !
E é preciso deter, n'uma victoria,
Inda mesmo durante
Uma "entente cordiale", essa invasão constante
Dos pés grandes, dos olhos e a historia
Dos taes chapéos pequenos !
Vê-se portanto que não sou vaidosa...
E ainda sou muito menos,
Podem crer, curiosa.
Quando quero saber uma coisa, pergunto.
Não é por simples curiosidade,
E' só para saber... Si de boa vontade
Ouço o que dizem de qualquer assumpto,
E' para ter uma instrução completa.
Olho, sem parecer que estou olhando,
Interrogo tambem de vez em quando,
Mas sou sempre discreta.
Tenho o genio melhor que foi creado,
Pela minima coisa me interesso.
De pessoas até que não conheço
Quero saber a idade, a profissão, o estado,
E donde vêm, de que é que vivem, e desejo
Conhecer a verdade.

E sei de tudo, e tudo escuto, e tudo vejo,
Sem curiosidade...
Nunca fui tagarela,
E está mesmo provado:
Desde que aqui cheguei, pouco tenho falado
Não gosto de falar sem mais aquella.
Eu não sou desta gente acostumada
A' parolagem louca,
Que abre ás vezes a bocca
Para não dizer nada.
Eu, quando falo, tenho o que dizer, verbosa,
Não conhece embaraço então minha loquela.
E tudo o que aprendi, sem ter sido curiosa,
Gosto de repetir, mas sem ser tagarela.
Chamar-me de gulosa, que maldade !
Só porque tenho fome ! Todavia
Jamais em minha vida eu zombaria
Do proximo, a não ser por caridade.
Porque é preciso distrair quem se acha triste.
E já tenho notado
Que coisa alguma existe
De tanto resultado.
Que do proximo faça uma metade, ás vezes,
Rir, e rir á vontade,
Como as criticas finas e cortezes
Que podemos fazer da outra metade...
Quanta coisa ridicula evidente !
Então, em vez de conservar commigo
As minhas reflexões, aos outros digo
Tudo o que penso, caridosamente...
E a preguiça, meu Deus ! Eu tendo amigas
Que fingem trabalhar durante as ferias,
Graves, sizudas, sérias,
Do descanso inimigas.
Levam consigo, quando
Vão para o campo, ou chega a estação balnearia,
Aguilhas e pinceis e musicas... Deixando
Tudo dormir em paz, carga desnecessaria.
Eu digo assim: "Ferias são ferias !" E portanto
Parto tranquilla, sem levar bagagem.
Passo dois mezes respirando a aragem,
Passeiando, cruzando os braços... Oh ! que encanto !

(Com escrupulo).

Mas vejam só ! Não vão pensar que me elogio !
Nem vão pensar tambem que sou modelo.
Nasci assim. Não tenho merito. E confio
Que, como eu sou, qualquer pessoa pode se-lo.
Não desanimem ! Pois estou bem crente
Que com pequeno esforço ás vezes se endireita.
Qualquer moça será como eu sou, tão perfeita.

(Ingenuamente).

Porque não é difficil, francamente !

(Adapt.)

JONATHAS SERRANO.